



DESENHO 1

2008-2019

Coordenação Científica:
José Maria Silva Lopes

DESENHO 1

2008/19

A Prática Pedagógica na Unidade Curricular de Desenho 1 na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Coordenação científica

José Maria da Silva Lopes

Coordenação editorial

José Maria da Silva Lopes

Nuno Sousa

Textos

José Maria da Silva Lopes

Colaboração, documentação e recolha de imagens:

Armando Ferraz, Jorge Abade, José Manuel Barbosa, José Maria da Silva Lopes,
Luís Fortunato Lima, Marco Mendes, Noémia Herdade Gomes, Nuno Sousa,
Raquel Pelayo e Ricardo Leite.

Design

Nuno Sousa

Desenho da capa

João Costa

A Pedagogia do Desenho na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

José Maria da Silva Lopes

Decorridos já alguns anos a esta parte, tive a oportunidade de participar no Colóquio Desenho + Projecto. Diálogo entre S. Paulo e Porto (2013). Para além da qualidade das palestras e das comunicações proferidas, dos trabalhos desenvolvidos nas oficinas/workshops, do empenho dos estudantes na consecução das propostas de trabalho que lhes foram sendo sugeridas, do franco companheirismo e da atentíssima comissão organizadora, retenho na memória alguns fragmentos, oriundos das diversas conversas e discussões que foram surgindo, que agora repesco e que, de algum modo, podem servir como elementos de fundação preambular ao presente texto: discorrer acerca da Pedagogia do Desenho na Faculdade Arquitectura da Universidade do Porto, em particular durante os dez anos da minha presença enquanto Regente da Unidade Curricular Desenho 1 (2008-2018).

Do meu caro e saudoso Arquitecto Francisco Barata, guardo o comentário de que o Desenho, enquanto instrumento de desenvolvimento e pensamento projectual, surge como um elemento inequivocamente caracterizador na reafirmação da existência de uma Escola de Arquitectura do Porto.

Por seu turno, no decorrer de uma breve conversa acerca da utilização dos meios de escrita e de registo digitais, o Arquitecto Renato Luiz Sobral Anelli fazia notar, com alguma insatisfação mais ou menos nítida, que: “Actualmente, ninguém escreve em papel. Utilizam-se ferramentas digitais”.

O dilema que se pode levantar não é o de escrever em papel ou o de escrever com recurso a suportes e ferramentas digitais. O problema que se pode colocar é o de saber escrever. Para quem não sabe escrever, o meio utilizado será, certamente, indiferente. Todas as ferramentas levantarão obstáculos. Independentemente do suporte, as complexidades inerentes ao acto de escrever serão as mesmas e os erros idênticos, desde as mais primárias gralhas ortográficas à construção de um discurso complexo. Quem tiver dificuldades em articular um discurso coerente utilizando a caneta e o papel, terá análogas dificuldades em servir-se de outros meios, sejam estes digitais ou não. Situação análoga é inerente ao acto de desenhar. Um indivíduo que mantenha uma prática continuada de desenho que lhe permita um conhecimento claro dos diversos procedimentos e mecanismos que o mesmo implica, abordará os meios de representação através de processos digitais com uma facilidade maior do que o indivíduo para quem o desenho, servido pelos meios ou recursos tradicionais - simplisticamente entendidos como lápis, caneta e papel -,

seja uma matéria brumosa, estranha ou mesmo desconhecida.

“Escrever à mão ou desenhar à mão implica um estabelecer de relações neuronais, intelectuais, fisiológicas, mecânicas, de memória e afectivas muito distintas das estabelecidas no acto de desenhar com recurso aos meios digitais”.

Ao longo dos anos fui guardando, com afecto, diversos caderninhos onde escrevi, tirei notas e apontamentos diversos, frequentemente articulados com desenhos. Em alguns casos o registo desenhado sobrepõe-se ao escrito. Tenho uma pequena colecção que vai acumulando mais caderninhos, ano após ano. Sei onde estão e o que preciosamente guardam. Acabam por se constituir como pequenos pedaços de memória, de fragmentos de um tempo que posso visitar à distância de um braço. Neles posso rever todas as incertezas, as emendas, os equívocos, os arrependimentos, o refazer, o limar de arestas, a construção de um sentido e o arrumar coerente, quanto possível, do assunto. Em suma, o processo de escrita.

Revisito, também, os desenhos que convivem com esses textos. Que os abraçam. Que os complementam. Encanto-me a observar como texto e desenho se enlaçam num bailado impossível de traduzir através de ferramentas digitais.

Dos textos que vou elaborando em suporte digital, e dos quais que vou fazendo Save para um disco externo, perdi o processo e a memória do fazer. Perdi as linhas estruturantes do pensar e do fazer. Apenas tenho um resultado final, distante do compromisso do acto gerador. Raramente os revisito por prazer ou por um qualquer assomo de nostalgia. Todos iguais, surgem diante dos meus olhos como tristes e enfadonhos encadeamentos de zeros e uns tornados aparições, fantasmas de um processo rico de vida criadora.

Por seu turno, todo o registo escrito à mão tem, ele próprio, uma imagem. Uma imagem específica, que deriva e é detentora directa das particularidades gráficas do autor. A uniformização imposta pelos meios digitais impede tal acontecimento. Com o Desenho, a situação é semelhante. Se colocarmos em confronto dois cadernos de desenhos de pessoas distintas, há a garantia imediata das dissemelhanças derivadas das particularidades gráficas impostas pelos seus autores. Trata-se, em suma, de expressão, das singularidades de registo que perfilam, em última instância, a autoria. A identidade conferida pelo registo à mão é assunto fundamental do Desenho.

Os meios digitais nivelam a aparência das imagens produzidas transformando a possibilidade do indivíduo no enevoamento da normalização colectiva. Os textos produzidos através de meios digitais são, enquanto imagem, gémeos idênticos. Não consigo distinguir uma página de escrita de outra. O Autor é reduzido a uma espécie de Arial 12 a um espaço e meio. Quando utilizamos meios digitais desvanece-se o que poderei denominar como o carácter do carácter. Tudo é igual. Uniformizado. Formatado. De modo análogo à escrita, se dispusermos em comparação uma série de renders de projectos de arquitectura ou de imagens digitais o problema primevo recai sobre a aparência idêntica das imagens. Não distingo identidades gráficas. Não antevejo autores. Teria que observar uma sem número de imagens

para poder distinguir tipologias de forma, de assunto ou, mais concretamente, de projecto. O conteúdo, tal como na escrita que se socorre de meios digitais, pode, naturalmente, ser identificativo do autor, mas a vinculação autoral imediata proporcionada pelo fazer à mão desaparece.

“Temo que, a curto prazo, o acto de escrita, entendido enquanto gesto de registo com caneta sobre papel, possa desaparecer. Atrevo-me a pequenas especulações: se daqui a alguns anos um miúdo escrever através dos meios tradicionais será, certamente, alvo de atenções diversas. Fazer surgir qualquer coisa no papel através de um pincel e tinta, ou um qualquer outro instrumento de registo que não o digital, será algo de, realmente, extraordinário. Ilusionismo, magia, um fenómeno.

Tornar aparente na alvura do suporte, partindo do nada, apenas com a mão e um instrumento, letras desenhadas, é, para todos os efeitos, surpreendente” .

A Escola de Arquitectura do Porto é a Escola de Arquitectura do Porto. Não outra. A expressão em apreço deve ser entendida, no presente contexto, como uma expressão de carácter genérico, vulgarmente mediatizada, que tem como referente a Faculdade de Arquitectura de Universidade do Porto. Pretende-se, com a expressão, pôr em evidência as particularidades de um ensino que, pelas suas características específicas enformam a noção de Escola ou, mesmo, de Academia. Não me detenho, na economia deste texto, acerca do caleidoscópio de factores que me permitem partilhar da opinião do Arquitecto Francisco Barata ao avançar o termo Escola. Apesar de algumas apreciações tenuemente divergentes, a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto é detentora de uma identidade muito peculiar, construída ao longo dos anos e alicerçada em saberes, também eles, particulares. Há, na realidade, uma ideia de Escola. Neste sentido, quem escolher estudar na FAUP não o deverá fazer aleatoriamente ou de modo ligeiro. É curioso observar como os alunos provenientes do estrangeiro solicitam, no leque das opções possíveis, as Unidades Curriculares de Desenho. A procura pelo Desenho excede, frequentemente, a capacidade logística. Os candidatos são, amiúde, em maior número do que as reais capacidades de integração. A procura pelo Desenho, ou mais propriamente o Desenho fará, certamente, parte dessa identidade maior que é FAUP. O aluno quer desenhar. Quer muito desenhar. Por vezes não sabe bem porquê. Outros têm a consciência plena de que o Desenho é um saber que lhes faz falta na sua formação enquanto arquitectos e enquanto pessoas. No início de cada ano lectivo, os alunos no regime de mobilidade realizam uma prova preliminar de desenho. Sucintamente, a prova visa apurar competências pré-adquiridas que permitam a colocação dos candidatos em anos adequados. Devo referir, pela peculiaridade derivada de uma procura acentuada, que, dentro do leque de ofertas na área científica do Desenho, a Unidade Curricular de Figura Humana e Representação do Espaço se encontra entre as mais solicitadas. Para lá das questões intrínsecas ao desenvolvimento do projecto em arquitectura, sente-se a necessidade que o aluno tem em procurar saberes relativos à representação do corpo humano, de entender o Homem enquanto motor e medida de inquietações projectuais. Esta procura é um indício feliz.

Desenho 1

FAUP

Objectivos

A Unidade Curricular de Desenho 1 ao promover a representação e o conhecimento do mundo visível e das imagens mentais através do registo gráfico manual, tem os seguintes objectivos:

- Desenvolver no estudante a capacidade de observação, a habilidade e o conhecimento do acto do desenho e a sensibilidade aos valores plásticos e estéticos;
- Criar condições para que o estudante enfrente o acto de projectar com agilidade espontaneidade e consciência;
- Estimular a presença no acto projectual de componentes não sistemáticas, simbólicas e poéticas.
- Promover a satisfação e o conhecimento da necessidade e do prazer da representação; da expressão do número e da medida; da memória visual da realidade exterior e interior.
- Reconhecer que o desenho é a expressão gráfica de uma intencionalidade que deve procurar a sua matriz na realidade exterior e no património do Desenho e da Arquitectura;
- Entender que se aprende a desenhar desenhando e desenhando-se, isto é, a intencionalidade do desenho está, também, na matriz que é o autor.

Resultados de aprendizagem e competências:

No final do ano lectivo o aluno, através do desenho, deve ter adquirido competências e capacidades de observação, de representação, de memorização, de expressão, de organização e de desenvolvimento projectual.

O PROGRAMA desenvolve-se através de 3 FASES tratando 4 Temas Gerais: O Corpo Humano, O Objecto, O Espaço Interno e A Paisagem, num progressivo aprofundamento técnico conceptual e metodológico.

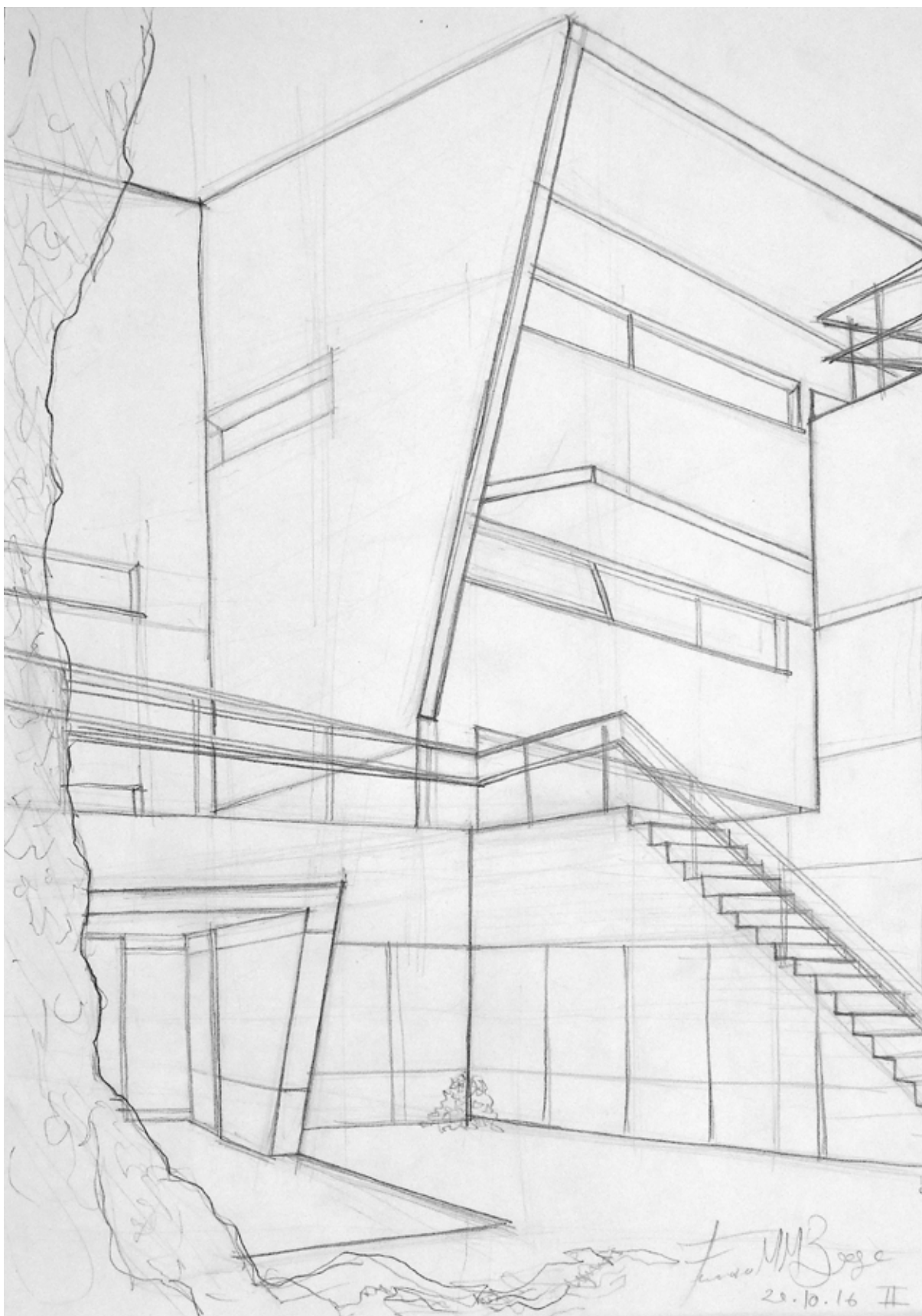
1ª Fase

Percepção e Reconhecimento

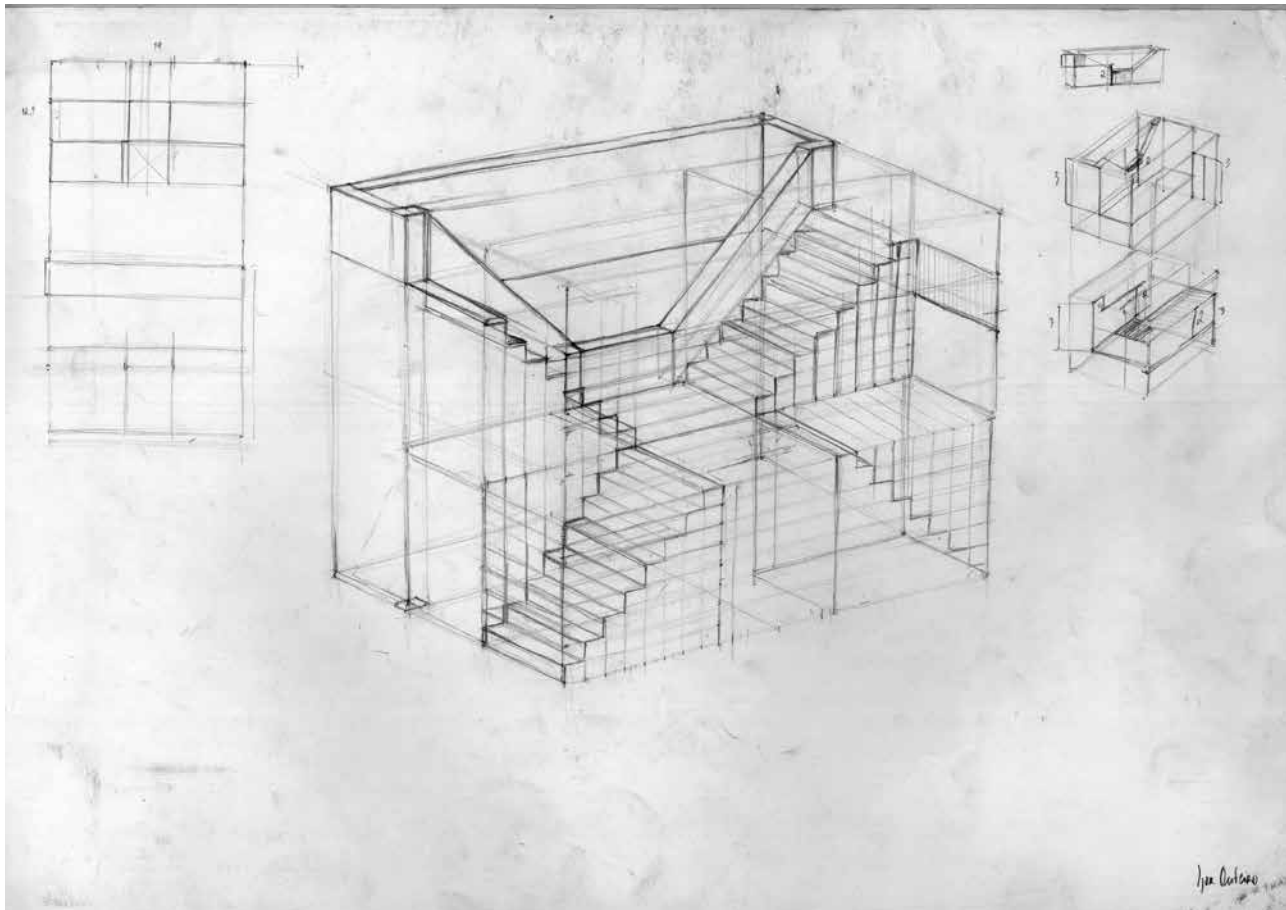
das pessoas, dos objectos, do espaço interior e da paisagem urbana.

Iniciação do contacto com o universo do desenho, dos métodos, dos ritmos e dos procedimentos.

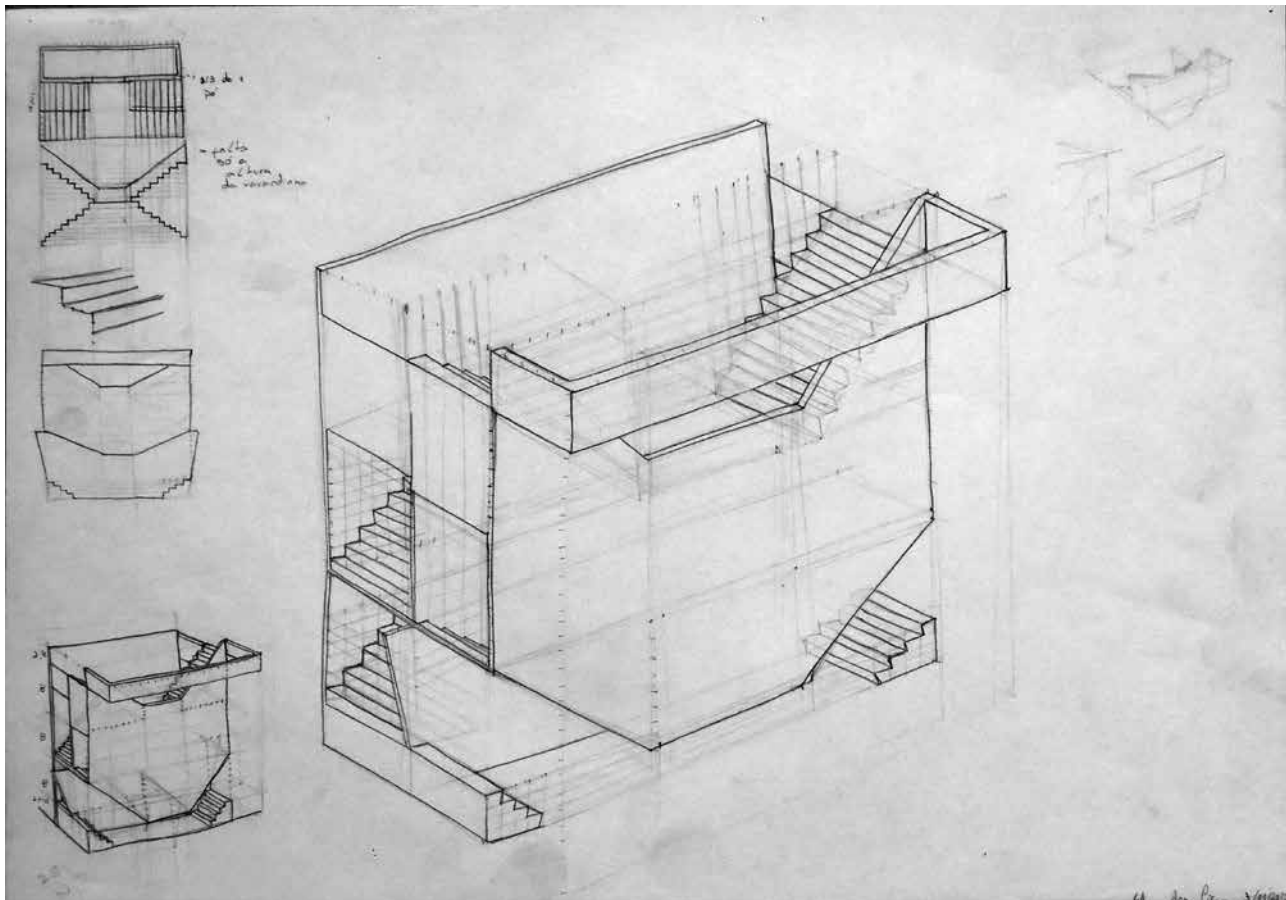
- Introdução à percepção, à prática do ver e à sua consciencialização;
- As características da visão e as técnicas de representação;
- A estrutura, medida, e proporção das formas.
- O espaço - os sistemas de representação e os métodos empíricos.
- As características morfológicas, as interacções e as qualidades do espaço.



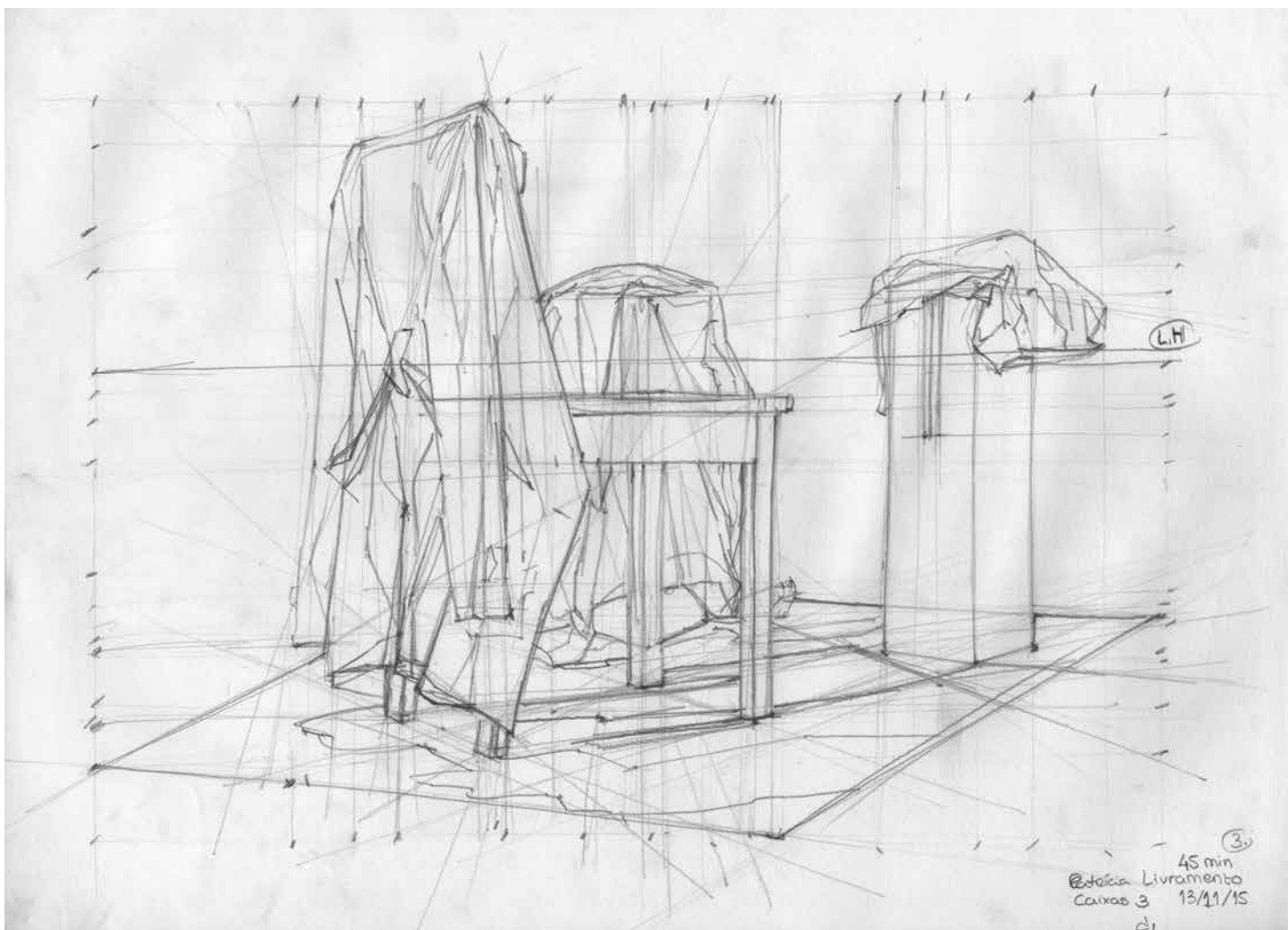
Francisco Braga, 2016. Grafite sobre papel A3
Introdução à perspectiva, espaço exterior, FAUP



Igor Outeiro, 2018. Grafite sobre papel A3
Axonometria, espaço interior, FAUP

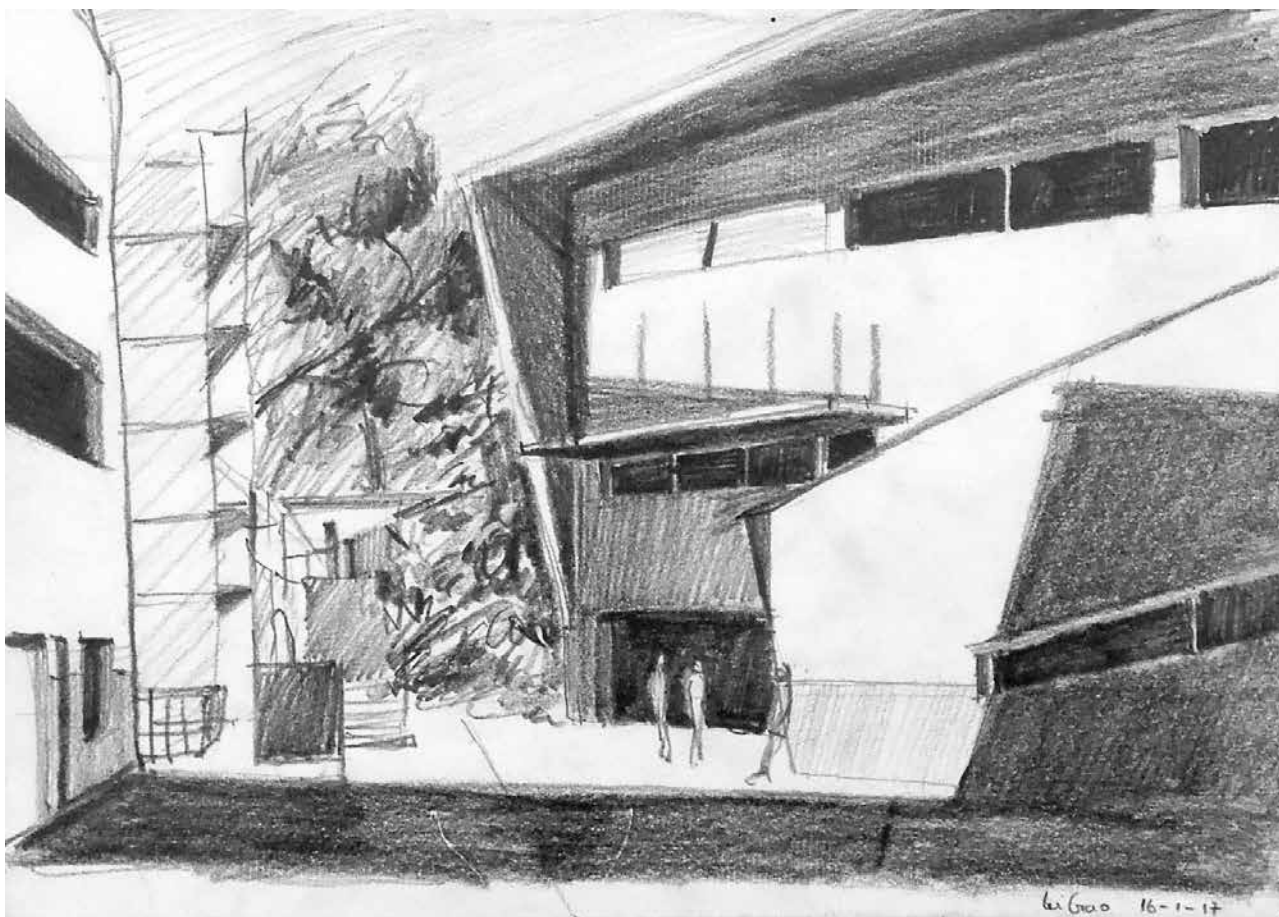


Ana Pires, 2017, Grafite sobre papel A4
Axonometria, espaço interior, FAUP

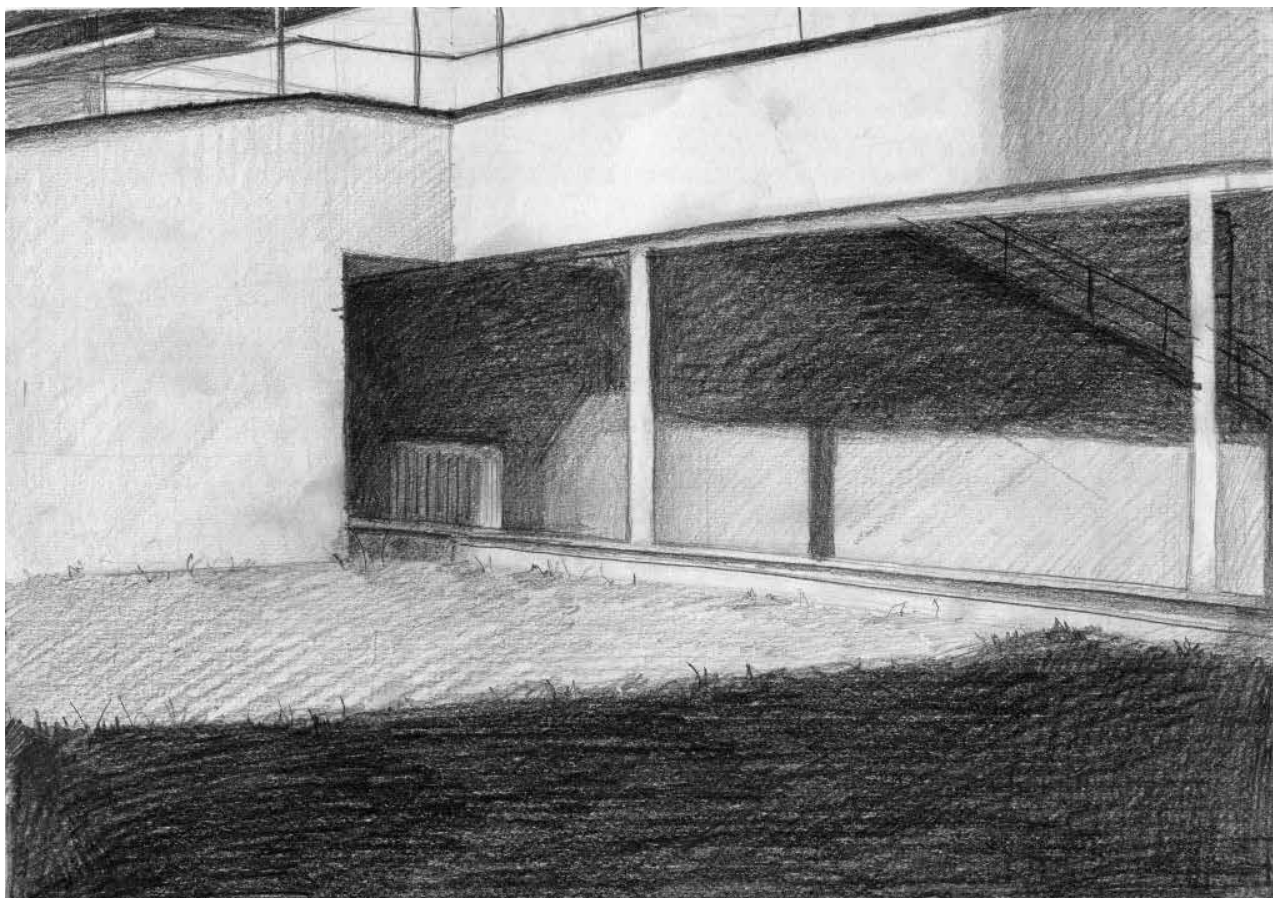


Patrícia Livramento, 2016, Grafite sobre papel A3

Caixas, panejamentos e outros objectos



Lei Gao, 2017, Grafite sobre papel A5
Espaço exterior FAUP, claro-escuro



Ana Cláudia Costa, 2017, Grafite sobre papel A4
Espaço exterior FAUP, claro-escuro.

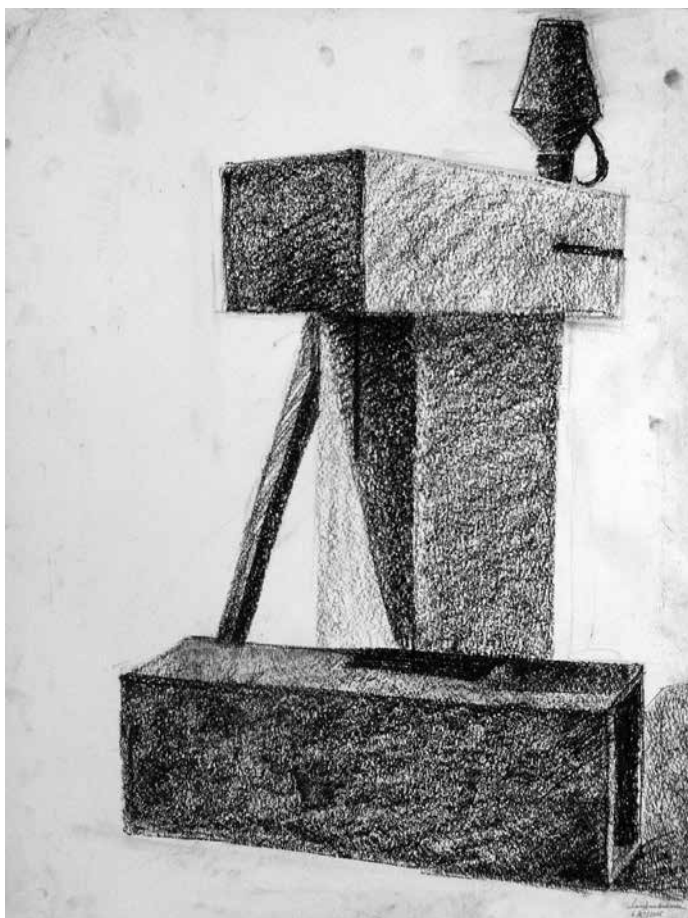
2ª Fase

Reconhecimento e Expressão

dos objectos, do corpo humano, da figura humana, do espaço contido, da paisagem.

Sistematização das experiências, dos conhecimentos e dos processos de trabalho.

- As imagens da realidade e as realidades da imagem.
- Os suportes do desenho, os instrumentos, modos e processos.
- Dos modos e atitudes na expressão gráfica.
- Da percepção e da observação - condições de reconhecimento e cultura - “cultivo da realidade”
- Dos conceitos do desenho e das metodologias de trabalho.



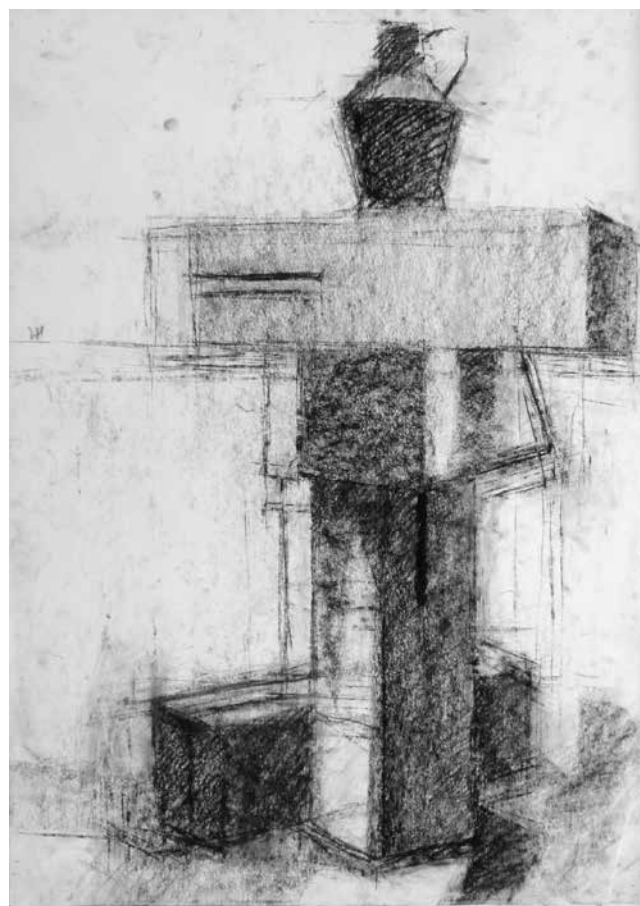
Carolina Guerra, 2015. Carvão sintético sobre papel A2
Caixas / Esboço A2



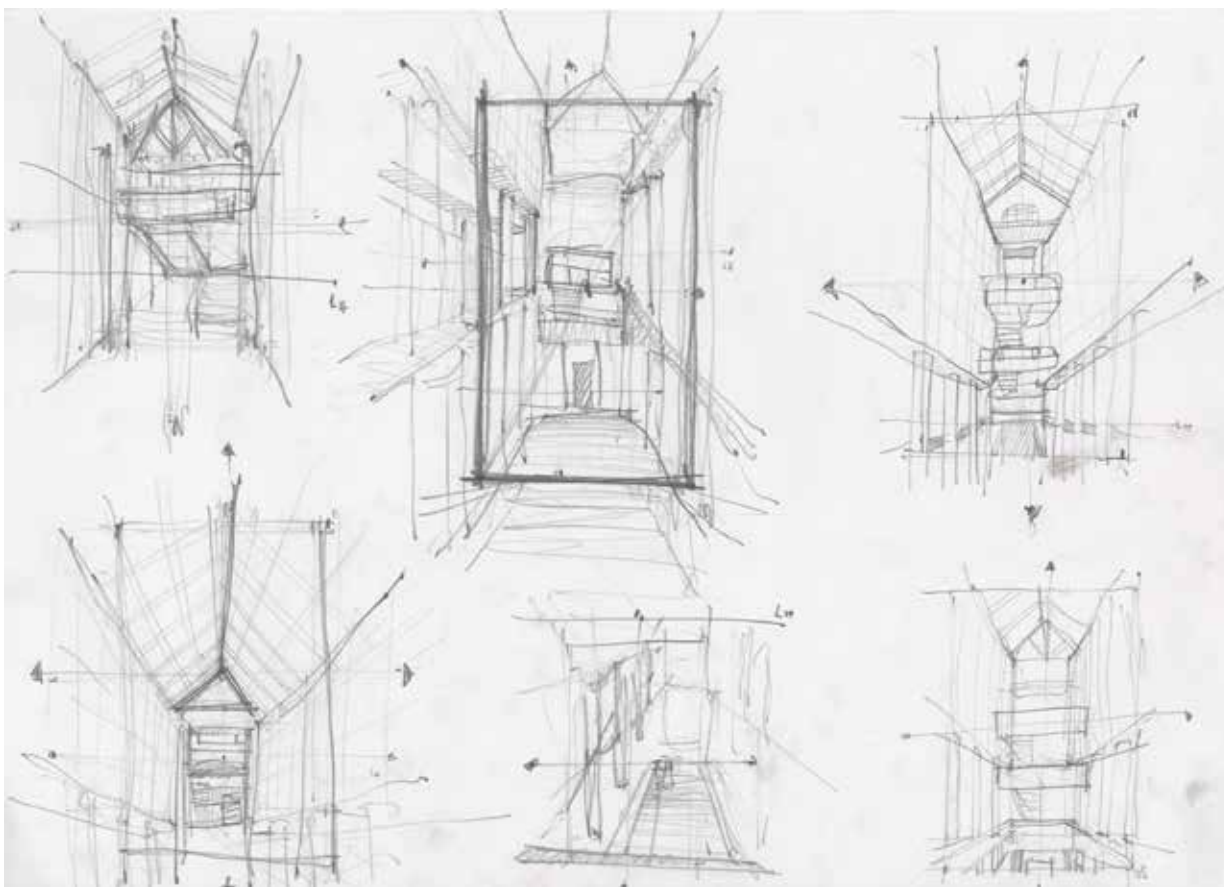
Bruno Silva, 2015. Carvão sintético sobre papel A2
Caixas / Esboço



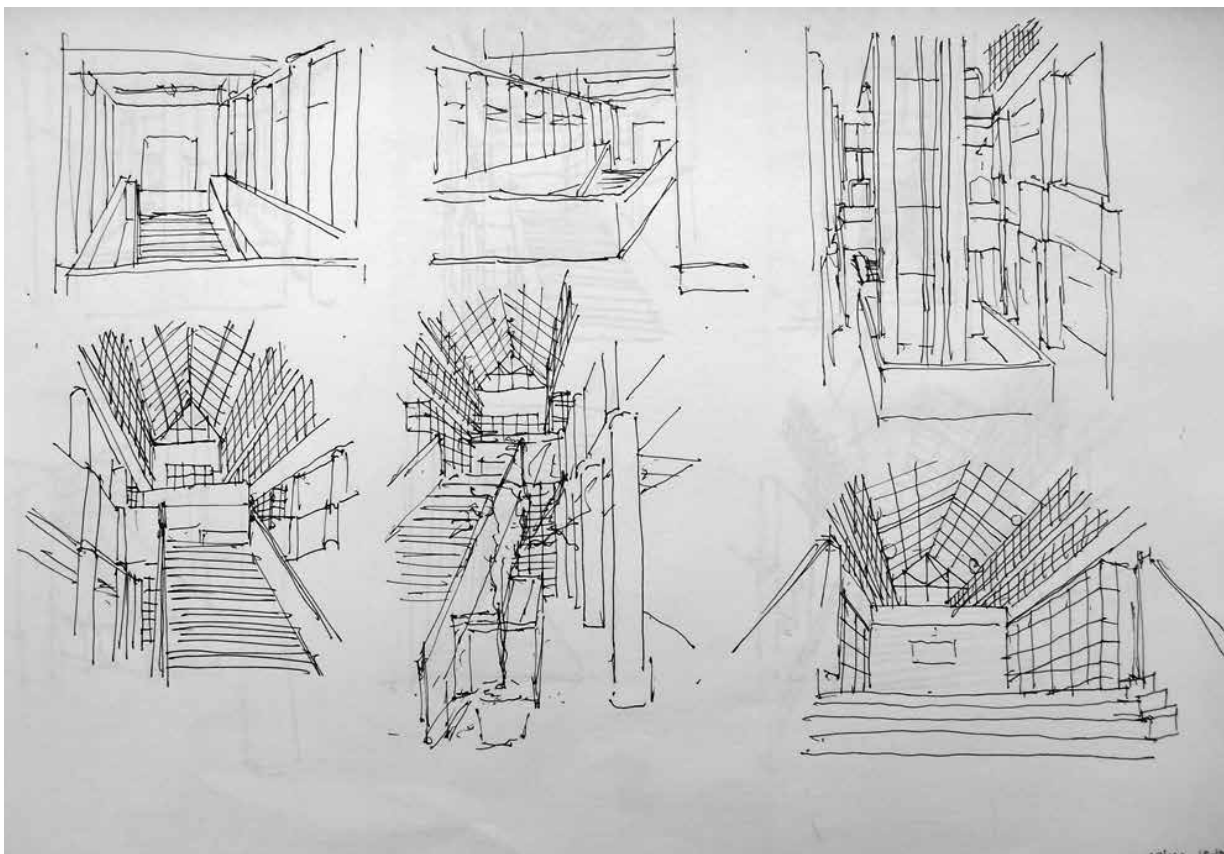
Igor Outeiro, 2019. Carvão sintético sobre papel A2
Caixas / Esboço



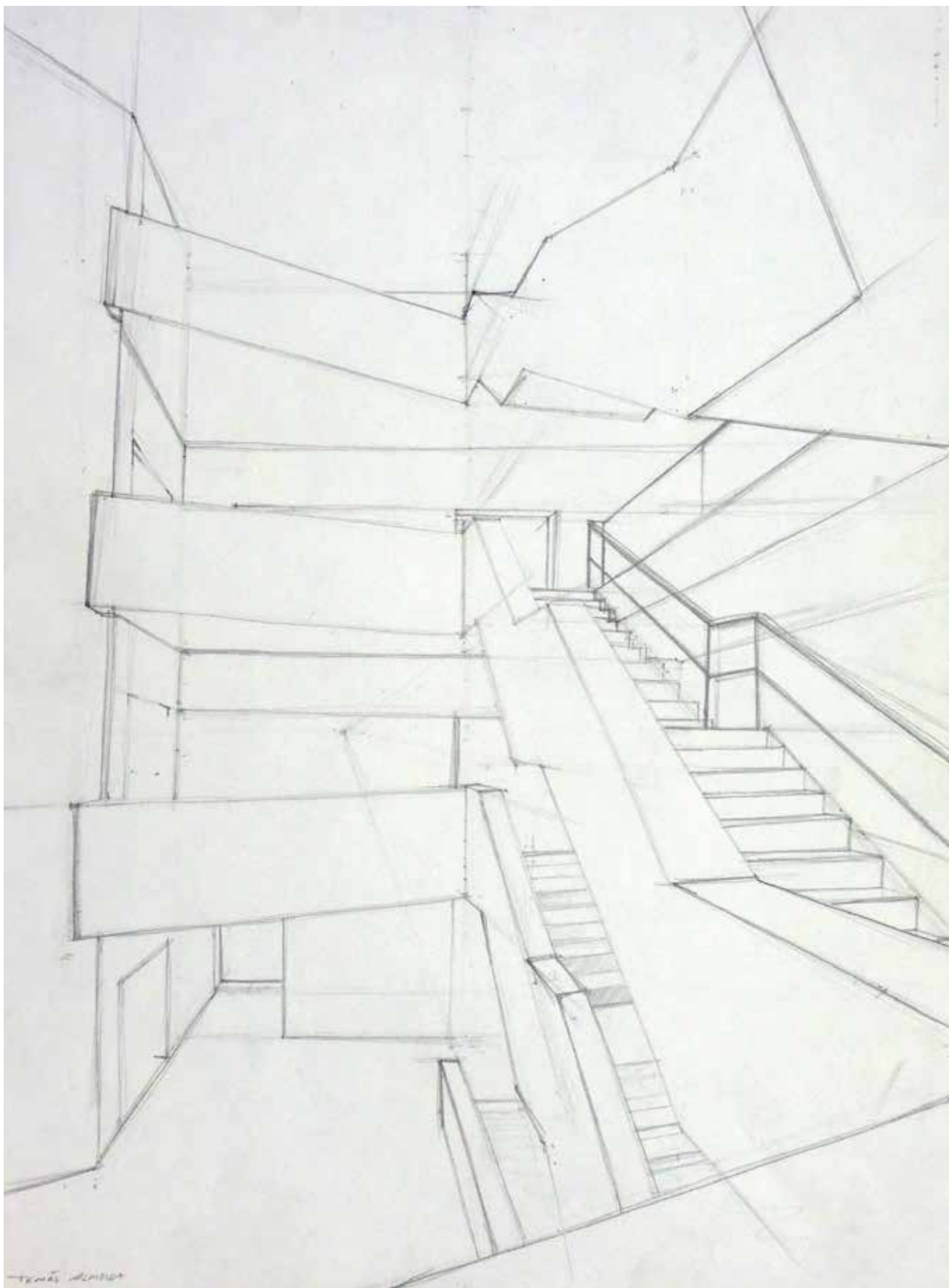
Igor Outeiro, 2019. Carvão sintético sobre papel A2
Caixas / Esboço



Sérgio Costa, 2013. Grafite sobre papel A3.
Faculdade de Ciências / Esquisso



António Ventura, 2012. Caneta sobre papel A4.
Faculdade de Ciências / Esquisso

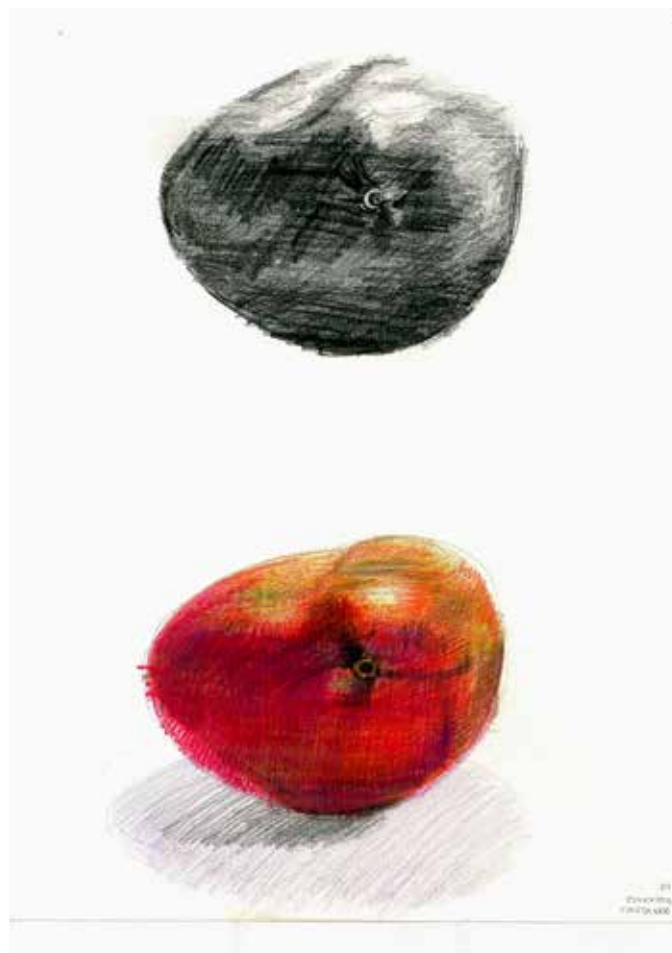


Tomás Almeida, 2017. Grafite sobre papel A3
Faculdade de Belas Artes / Detalhe (linear).



Beatriz Rocha, 2014. Grafite e lápis de cor sobre papel A4

Frutos - Introdução ao estudo da cor / Esboço



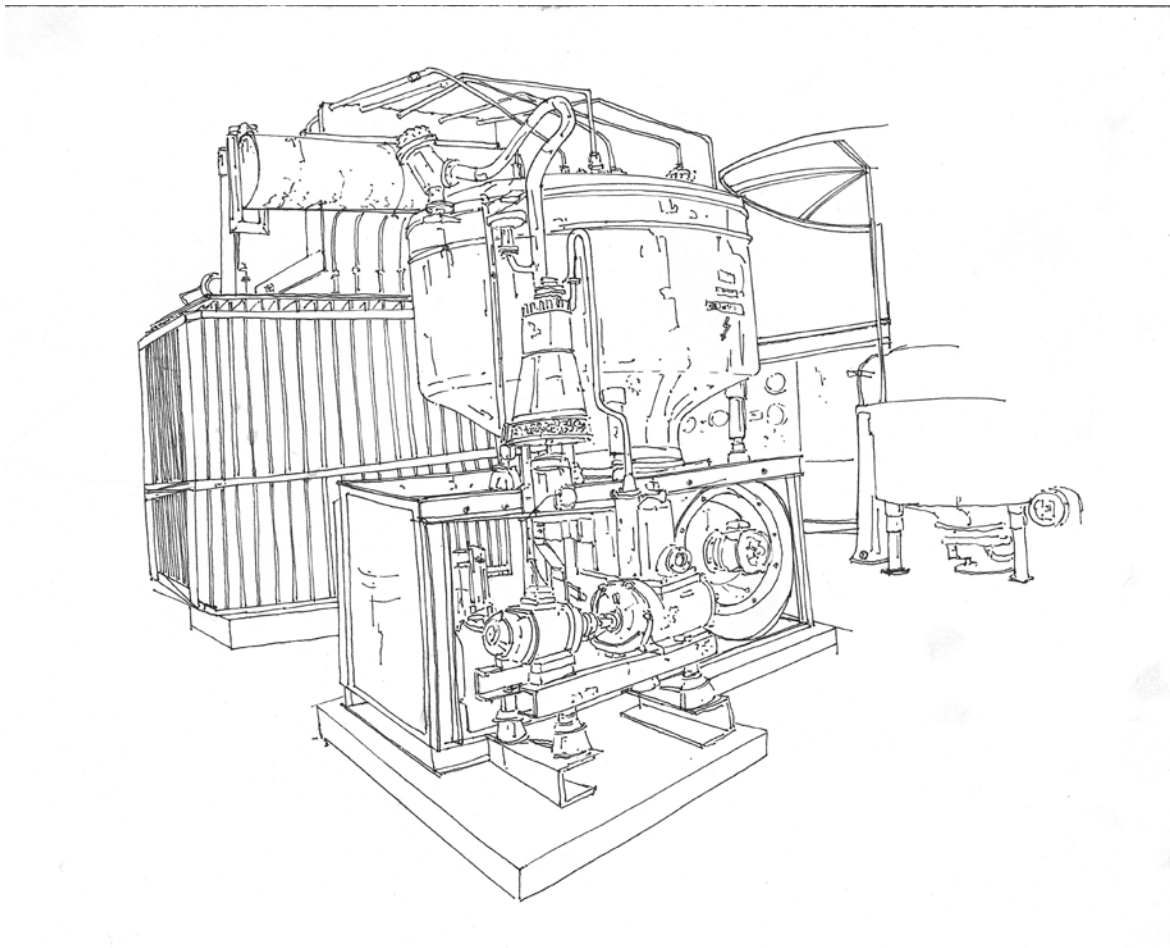
Marta Nogueira, 2012. Grafite e lápis de cor sobre papel A4

Frutos - Introdução ao estudo da cor / Esboço

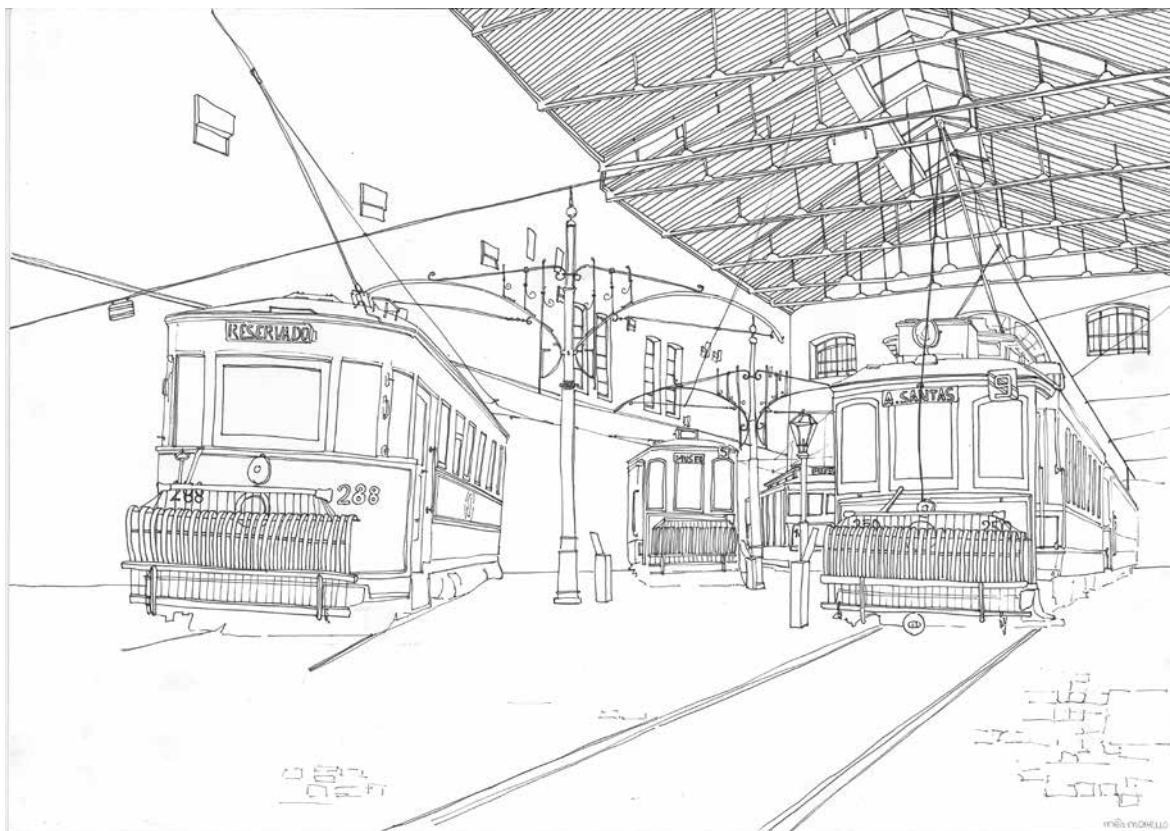


Hélder Lima, 2013. Grafite e lápis de cor sobre papel A3

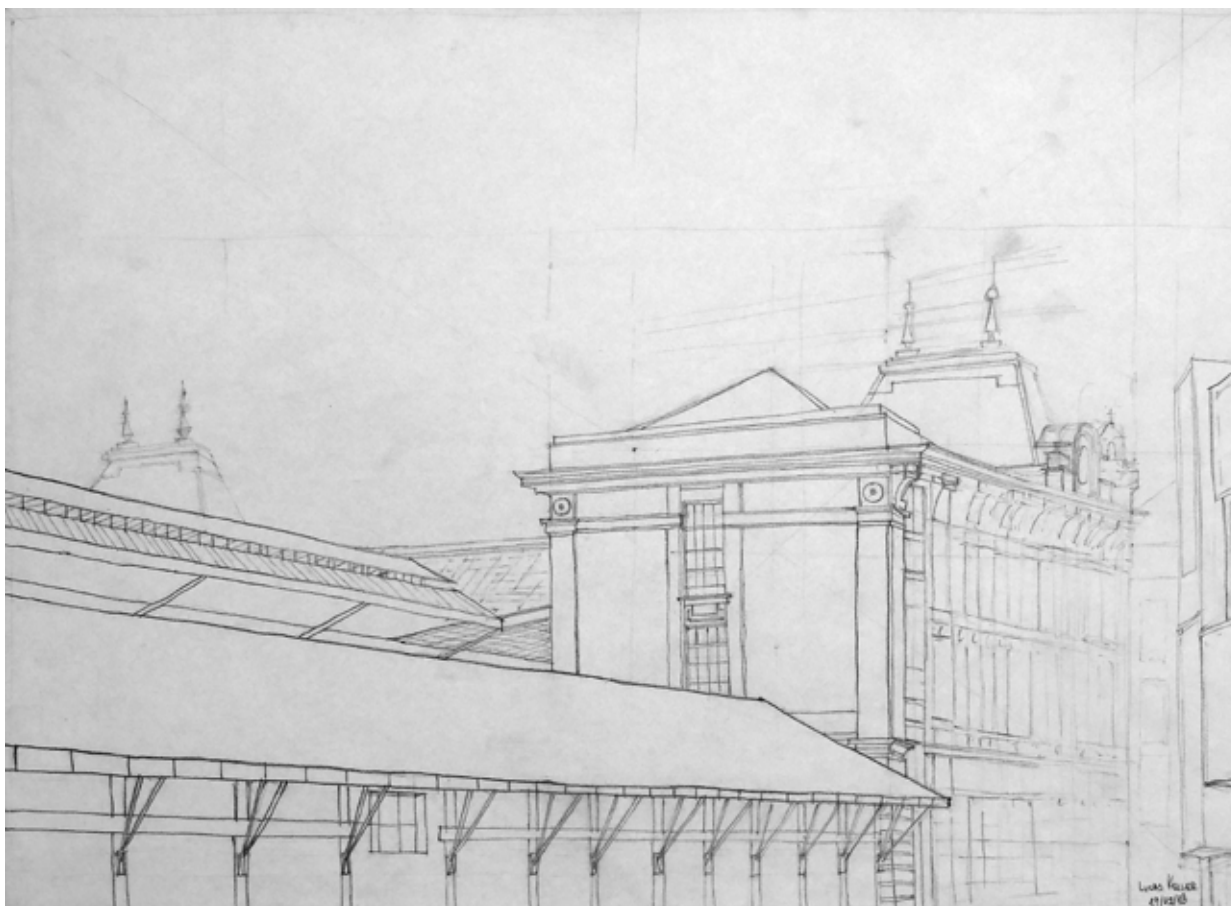
Frutos - Introdução ao estudo da cor / Esboço



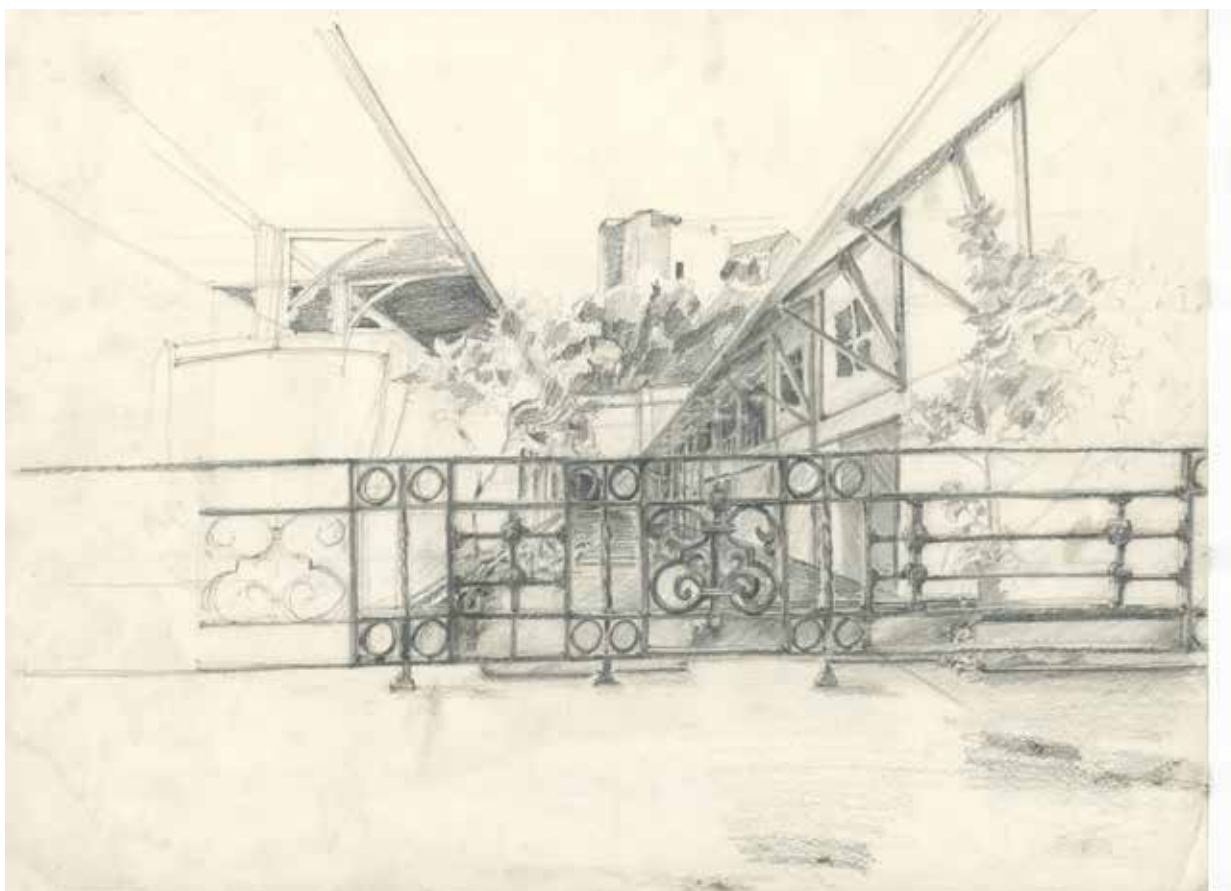
Gonçalo Guimarães, 2017. Caneta sobre papel A3
Museu do Carro Elétrico / Contorno



Inês Mateus, 2017. Caneta sobre papel A3
Museu do Carro Elétrico / Contorno



Lukas Keller, 2018. Grafite sobre papel A3
Estação de São Bento / Detalhe



Joana Cantante, 2013. Grafite sobre papel A3
Estação de São Bento / Detalhe

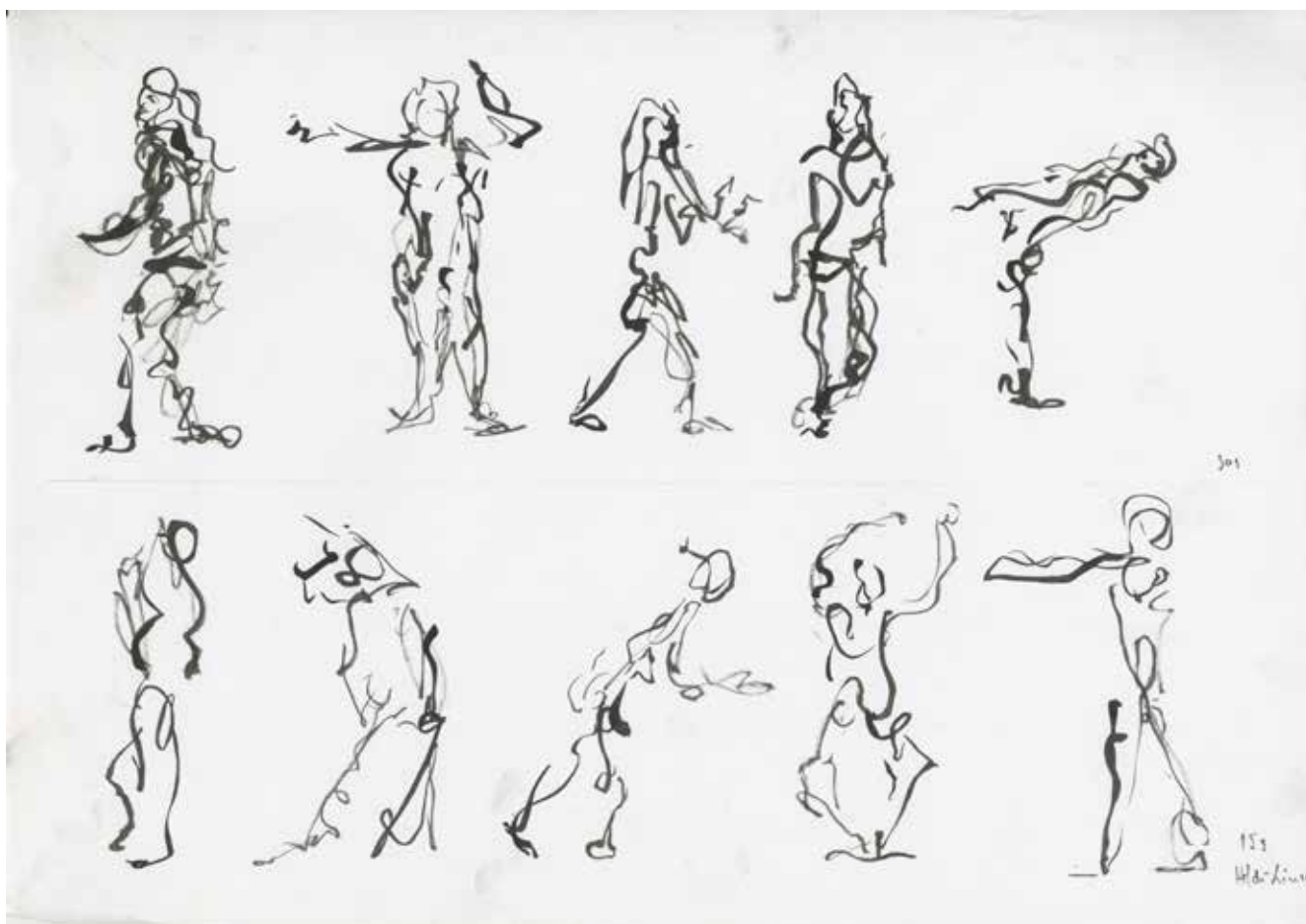
3ª Fase

Expressão e Consideração

no espaço contido, nos objectos, na figura humana, na paisagem.

A “consideração” é entendida como a valorização e autonomização das capacidades produtivas do estudante face ao real.

- Da intencionalidade conceptual, programática e poética do estudante.
- Da identidade gráfica e estética.
- Das qualidades e características do tema.
- Da capacidade em compor imagens



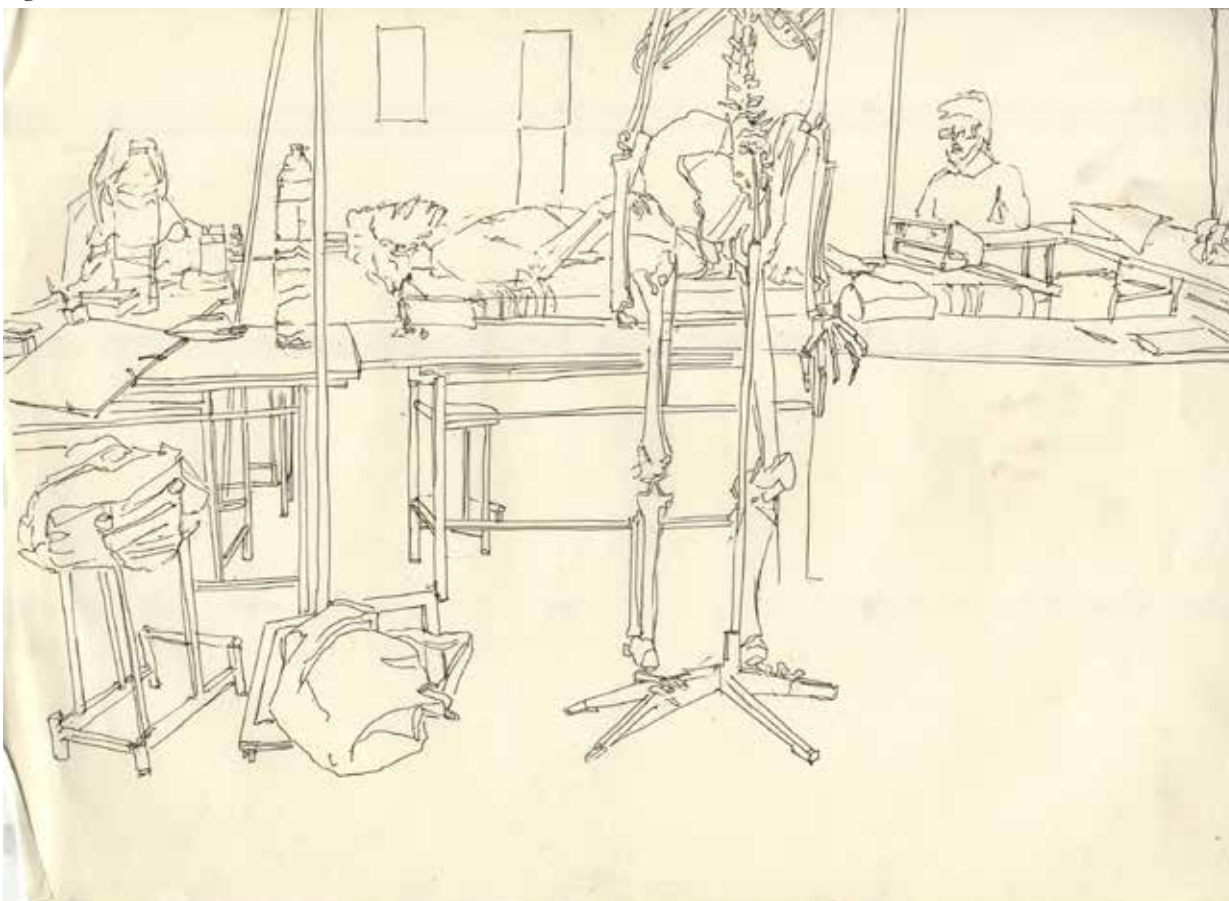
Hélder Lima, 2013. Pincel e tinta da china sobre papel A3
Figura Humana - Alunos / Esquisso



Nuno Sarmento, 2015. Grafite sobre papel A3
Figura Humana - Modelo / Detalhe



Joana Cantante, 2013. Caneta sobre papel A3
Figura Humana - Alunos / Contorno



Raquel Babo, 2013. Caneta sobre papel A3
Figura Humana - Alunos / Contorno



João Costa, 2013. Lápis de cor sobre papel A3
Figura Humana - Alunos / Esboço



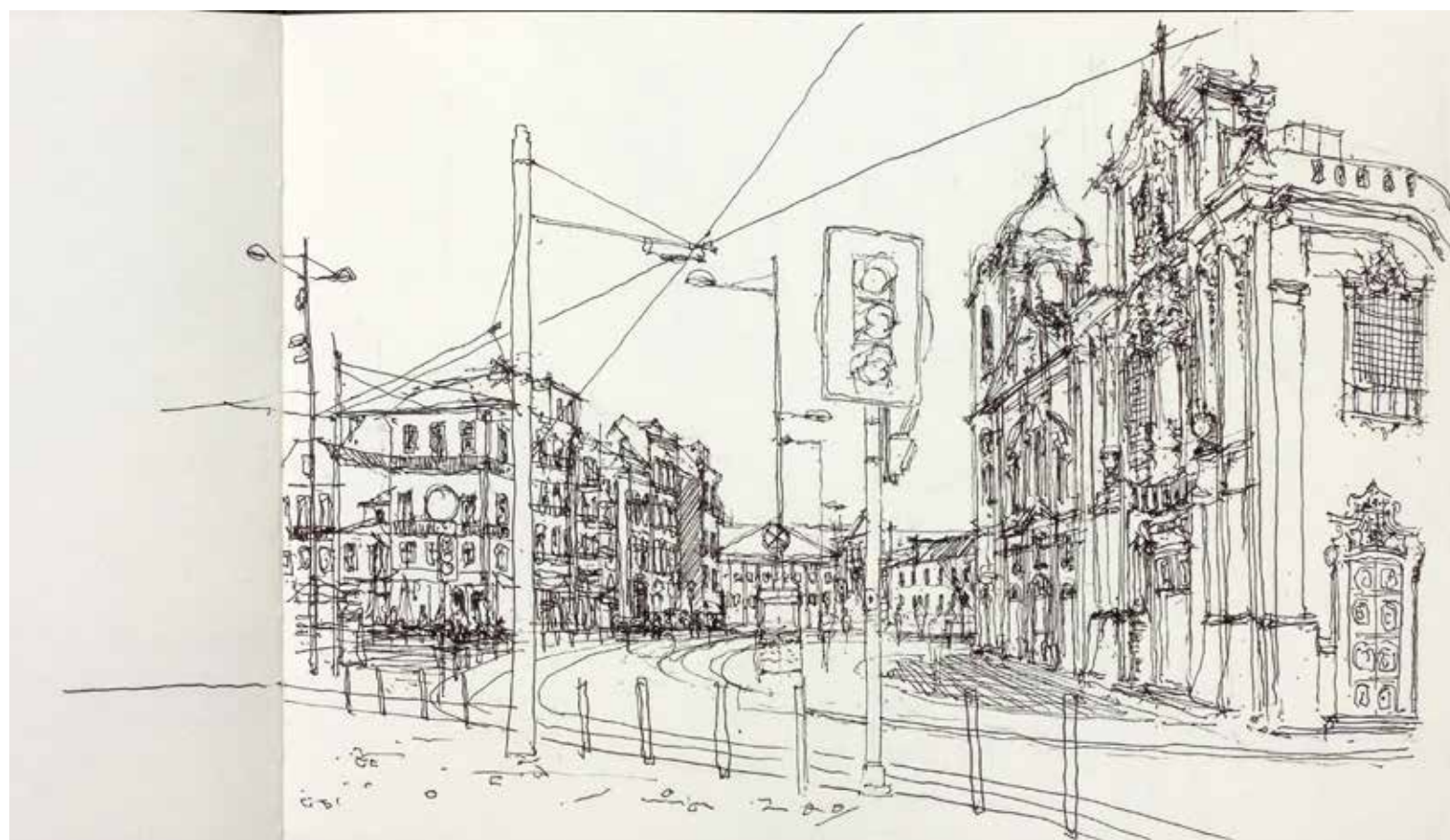
José Giro, 2013. Lápis de cor sobre papel A3
Figura Humana - Alunos / Esboço



Nuno Sarmiento, 2015. Pastel de Óleo sobre papel A2
Figura Humana - Alunos / Esboço



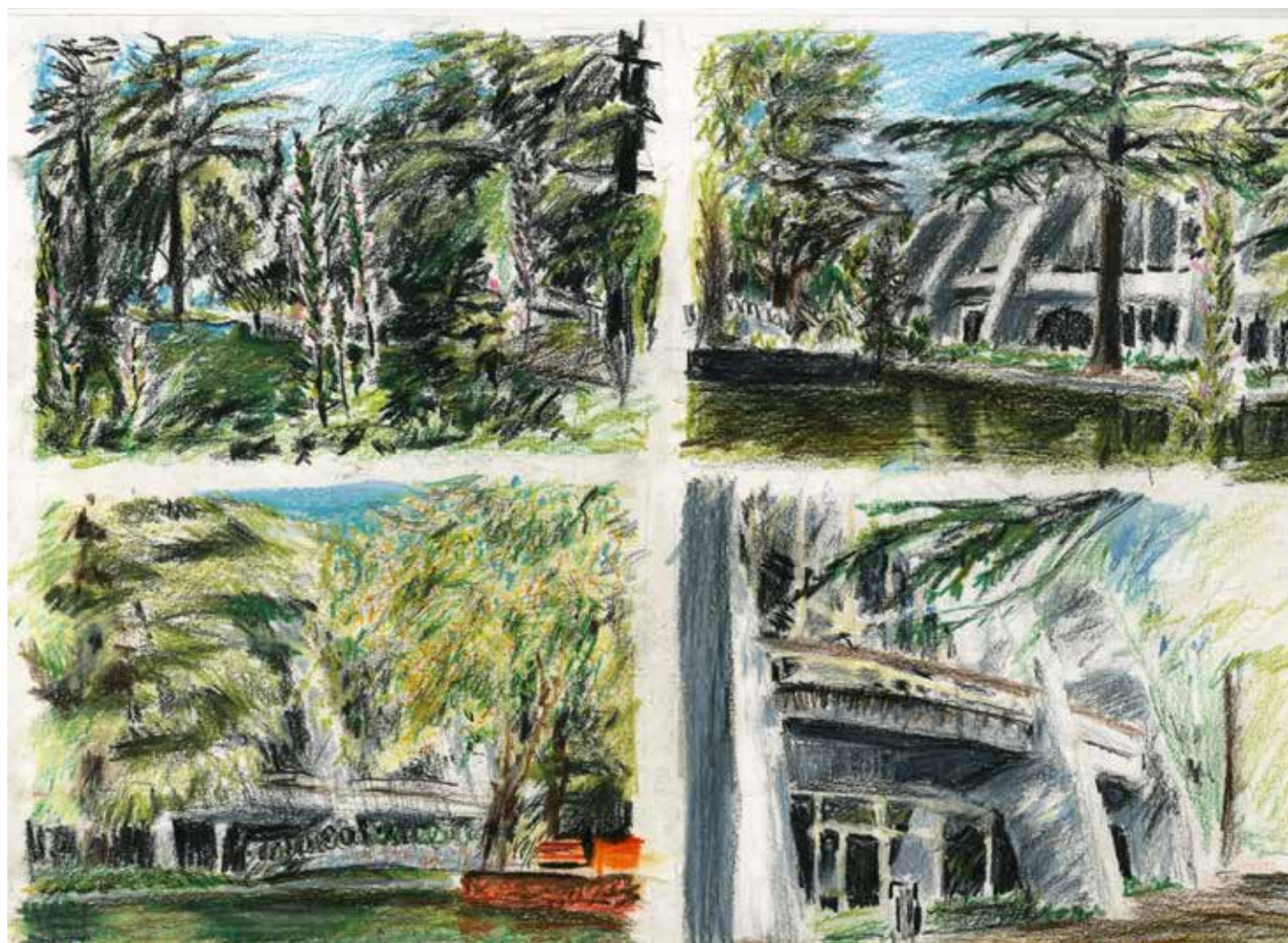
Anna Glassman, 2018. Caneta e aguada sobre papel A3.
Praça Gomes Teixeira - Esquisso/Esboço



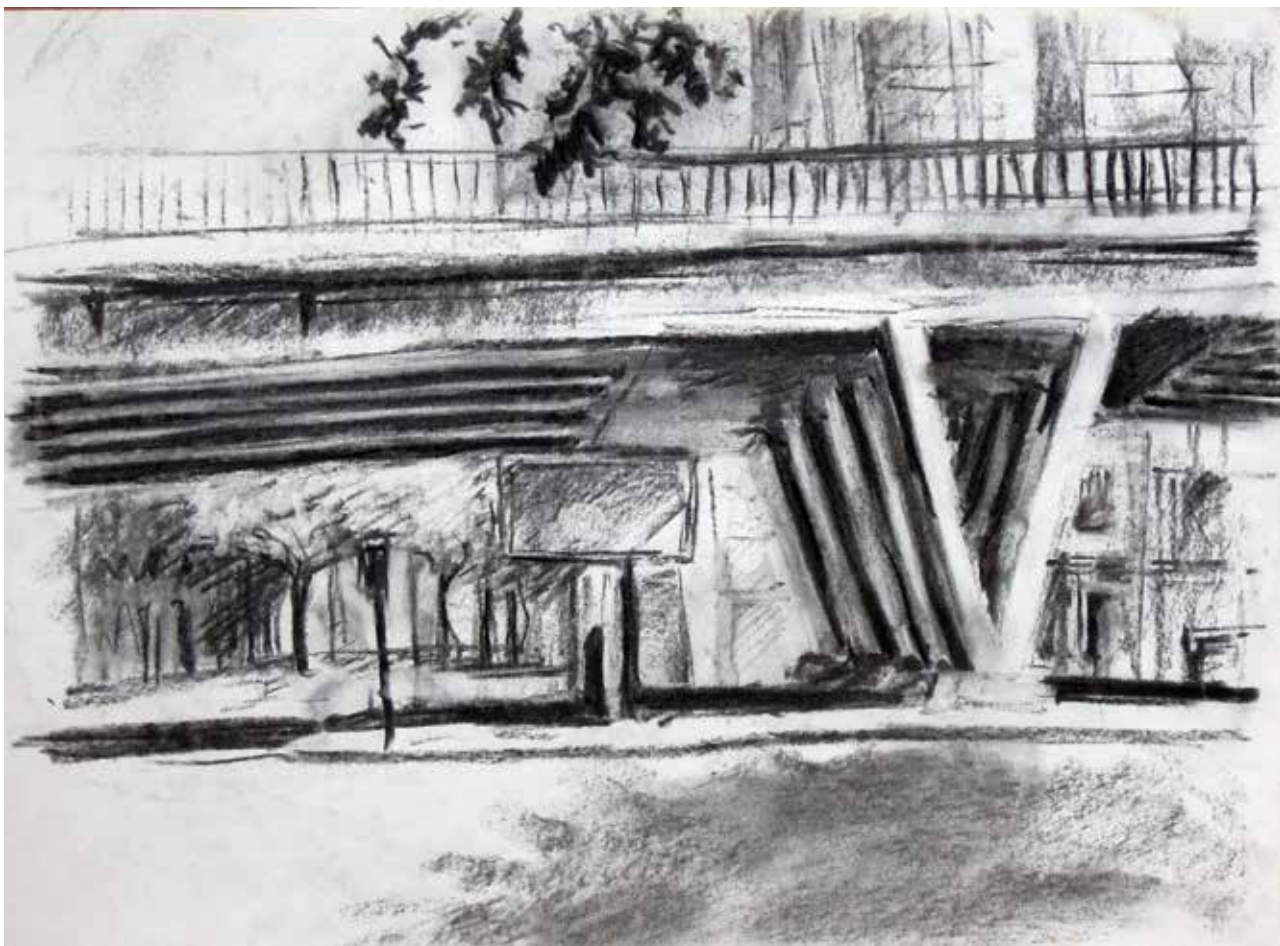
Josep Eixeres Ros, 2018. Caneta sobre diário gráfico A5
Praça Gomes Teixeira - Esquisso



Damião Franco, 2016. Pastel seco sobre papel A3
Jardins do Palácio de Cristal - Esboço



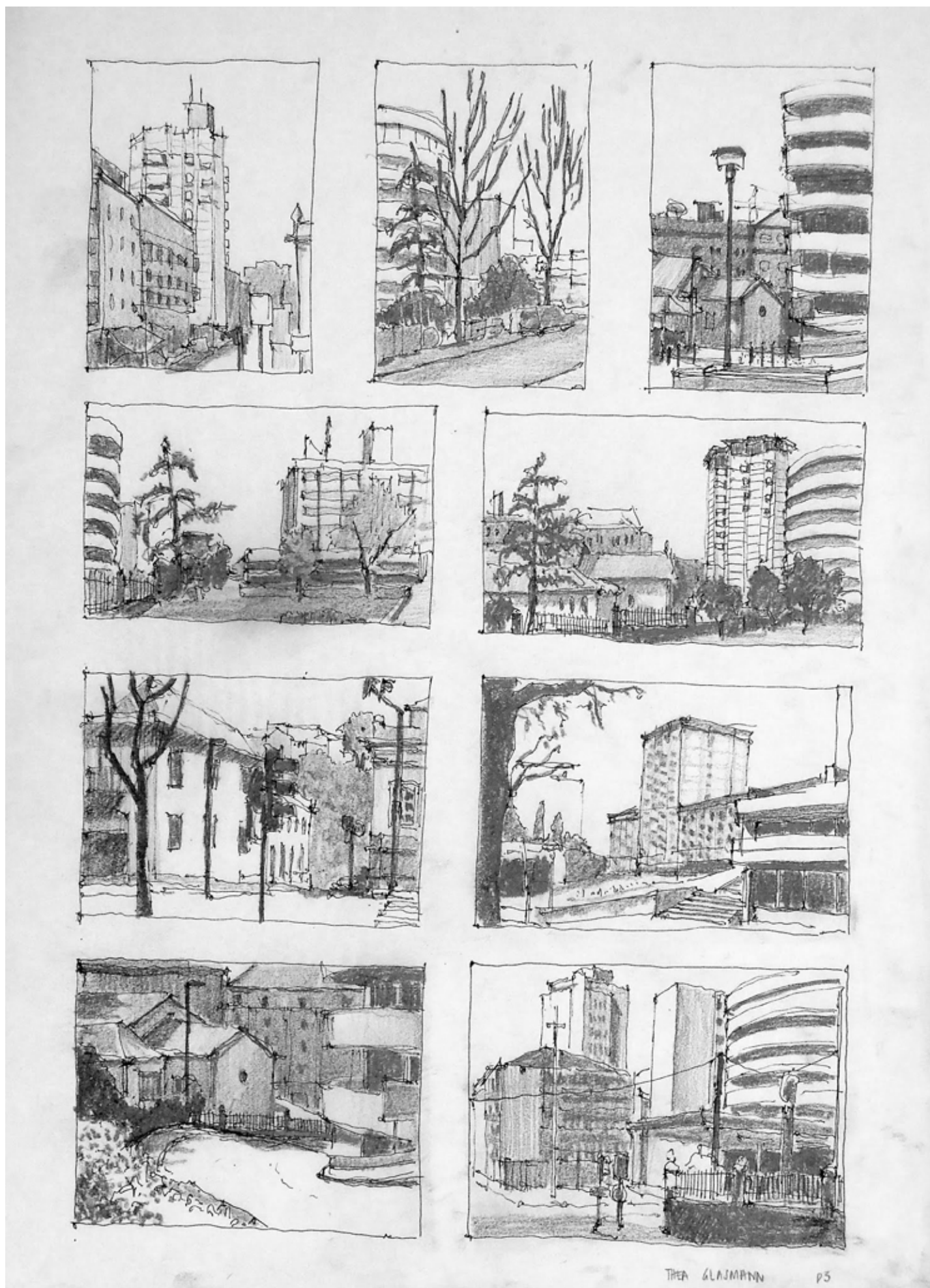
José Giro, 2013. Lápis de cor sobre papel A3
Jardins do Palácio de Cristal - Esboço



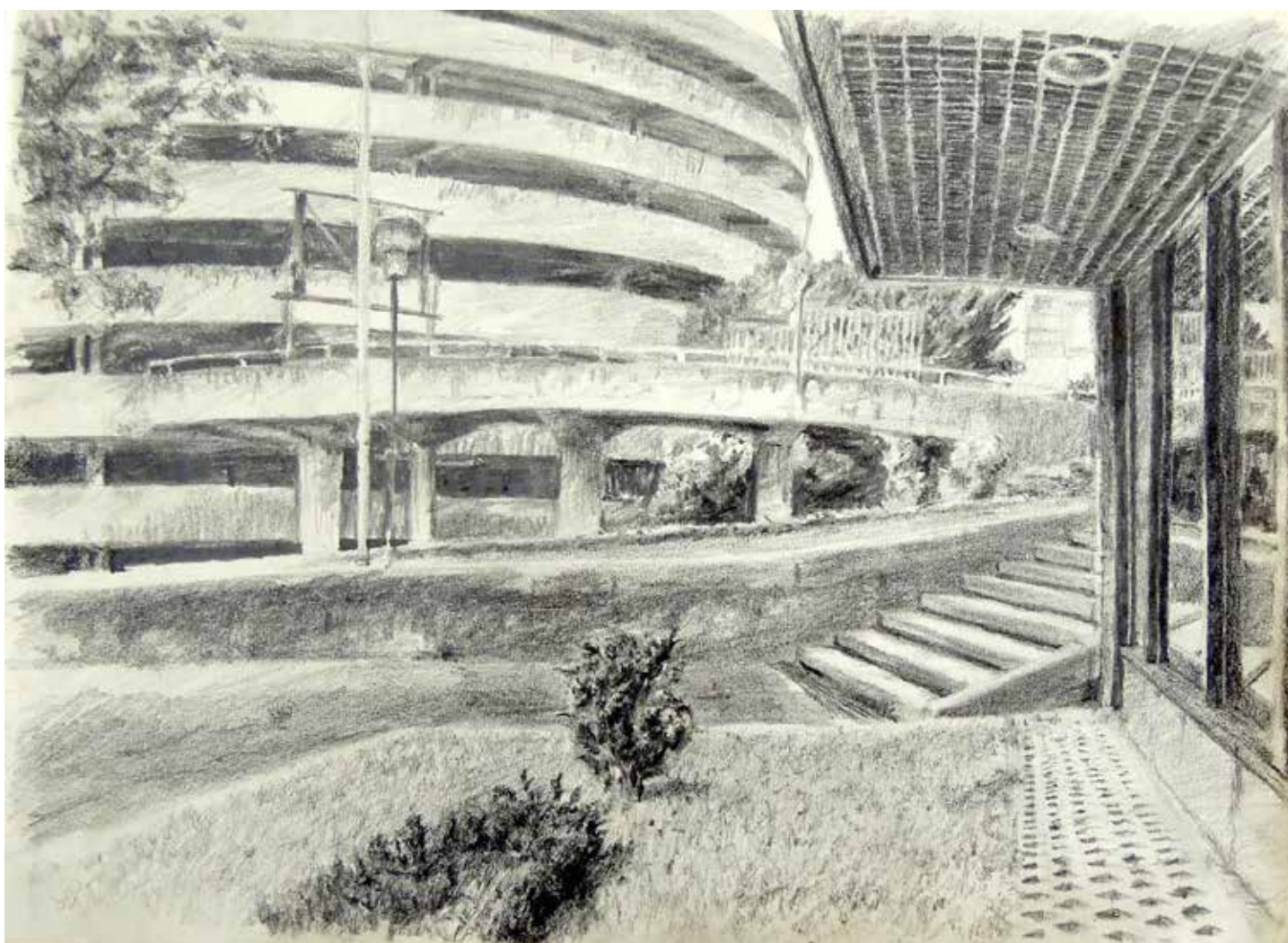
Ana Sofia Pinto, 2014. Carvão vegetal sobre papel A3
Viaduto, Rua de Camões - Esboço



Tomás Neves, 2014. Lápis de cor sobre papel A3
Viaduto, Rua de Camões - Esboço



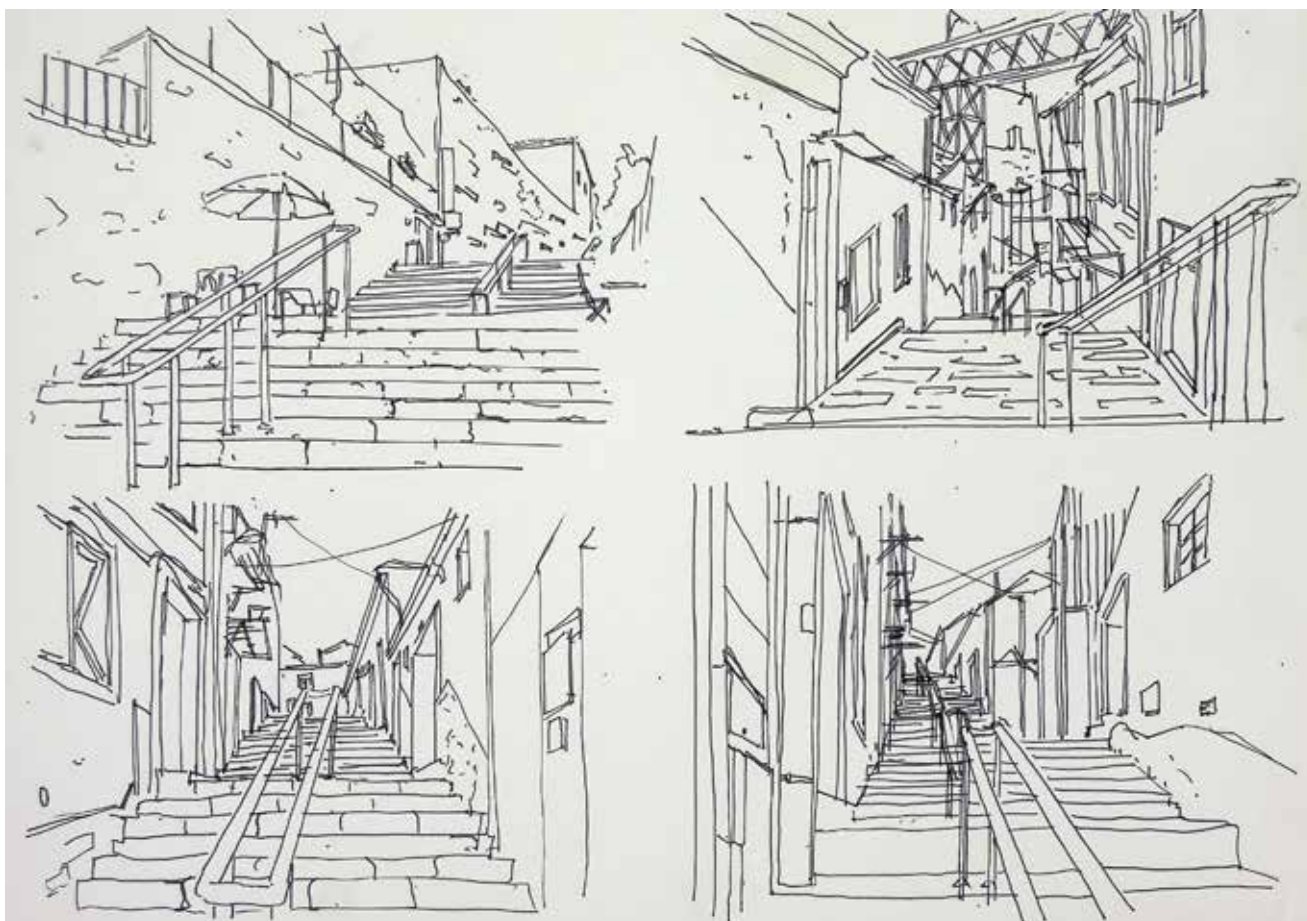
Anna Glassman, 2019. Caneta e lápis de grafite sobre papel A3
Silo Auto - Esquisso



Rui Pestana, 2010. Carvão vegetal sobre papel A3
Silo Auto - Detalhe



Mariana Maia Rocha, 2019. Caneta sobre papel A3
Guindais (Percurso) - Esquisso



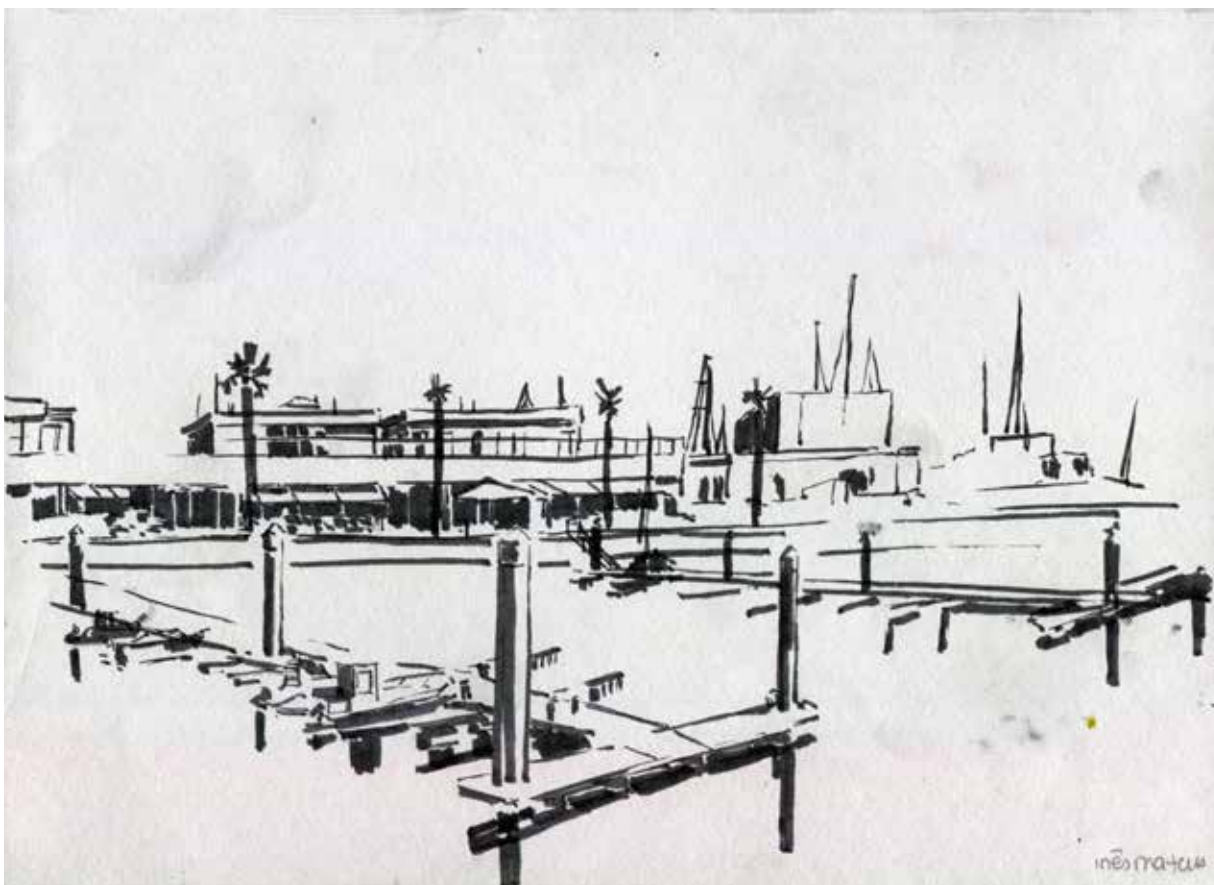
Miguel Moreira Silva, 2019. Caneta sobre papel A3
Guindais (Percurso) - Esquisso



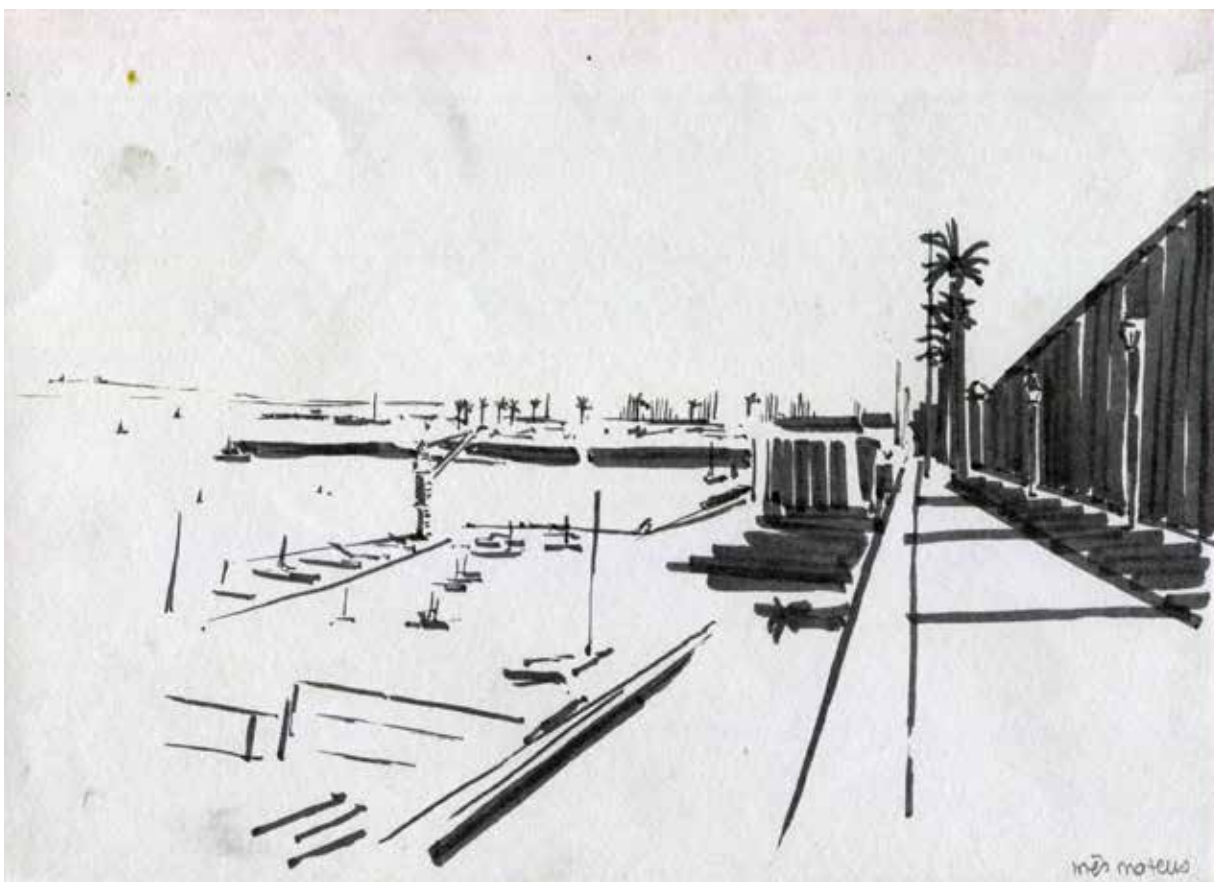
Ana Cláudia Costa, 2018. Caneta sobre papel A3
Cordoaria - Contorno



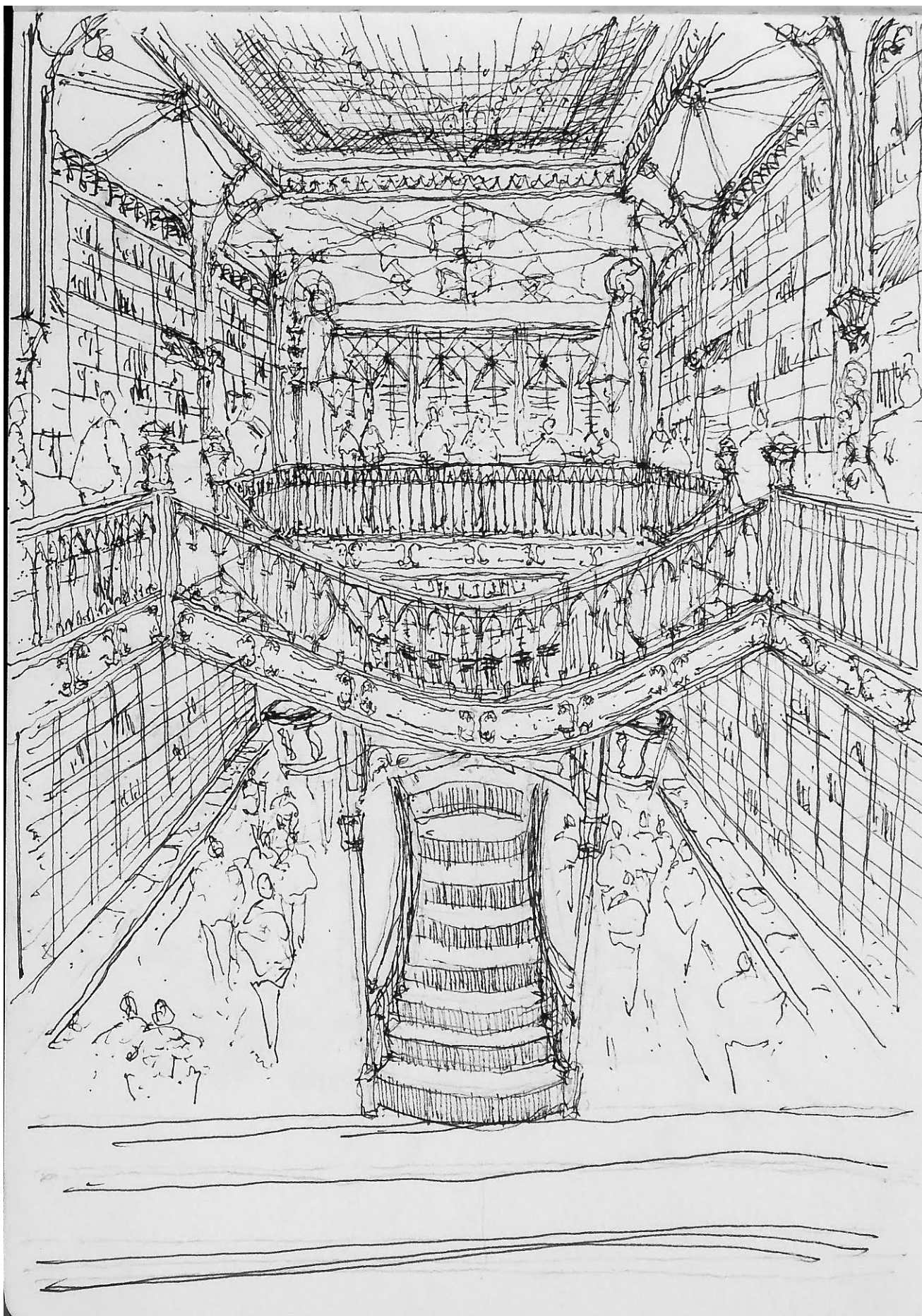
Eduarda Silva, 2018. Caneta sobre papel A3
Cordoaria - Contorno



Inês Mateus, 2017. Marcador-pincel sobre papel A5
Trabalho complementar (Marina de Cascais) - Esquiso



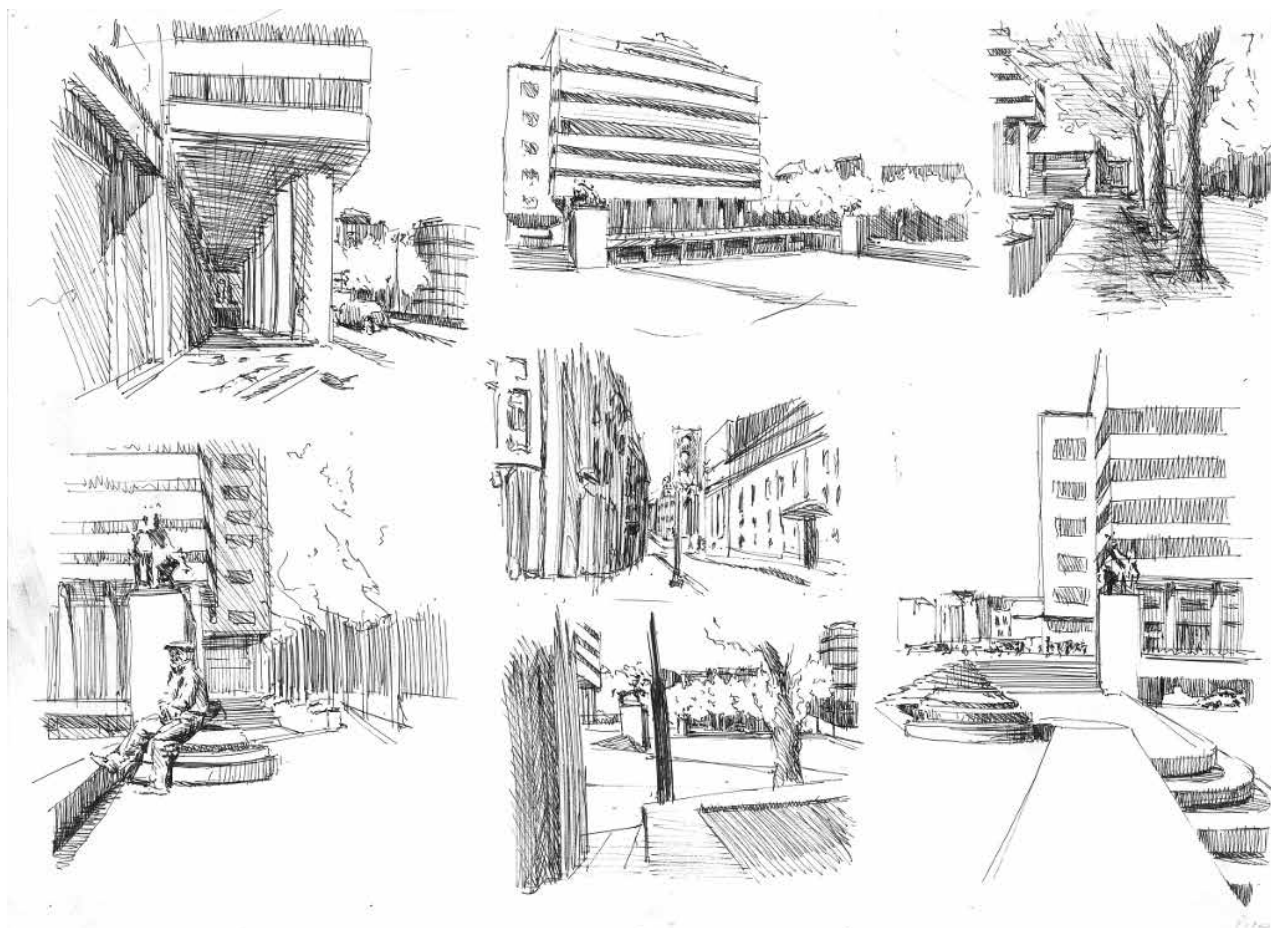
Inês Mateus, 2017. Marcador-pincel sobre papel A5
Trabalho complementar (Marina de Cascais) - Esquiso



Josep Eixeres Ros, 2018. Caneta sobre papel A4
Trabalho complementar (Livraria Lello) - Esquisso



Susana Ribeiro, 2012. Caneta e aguada sobre papel A3
Praça D. João I - Esboço



Ana Pires, 2018. Caneta sobre papel A3
Praça D. João I - Esquisso



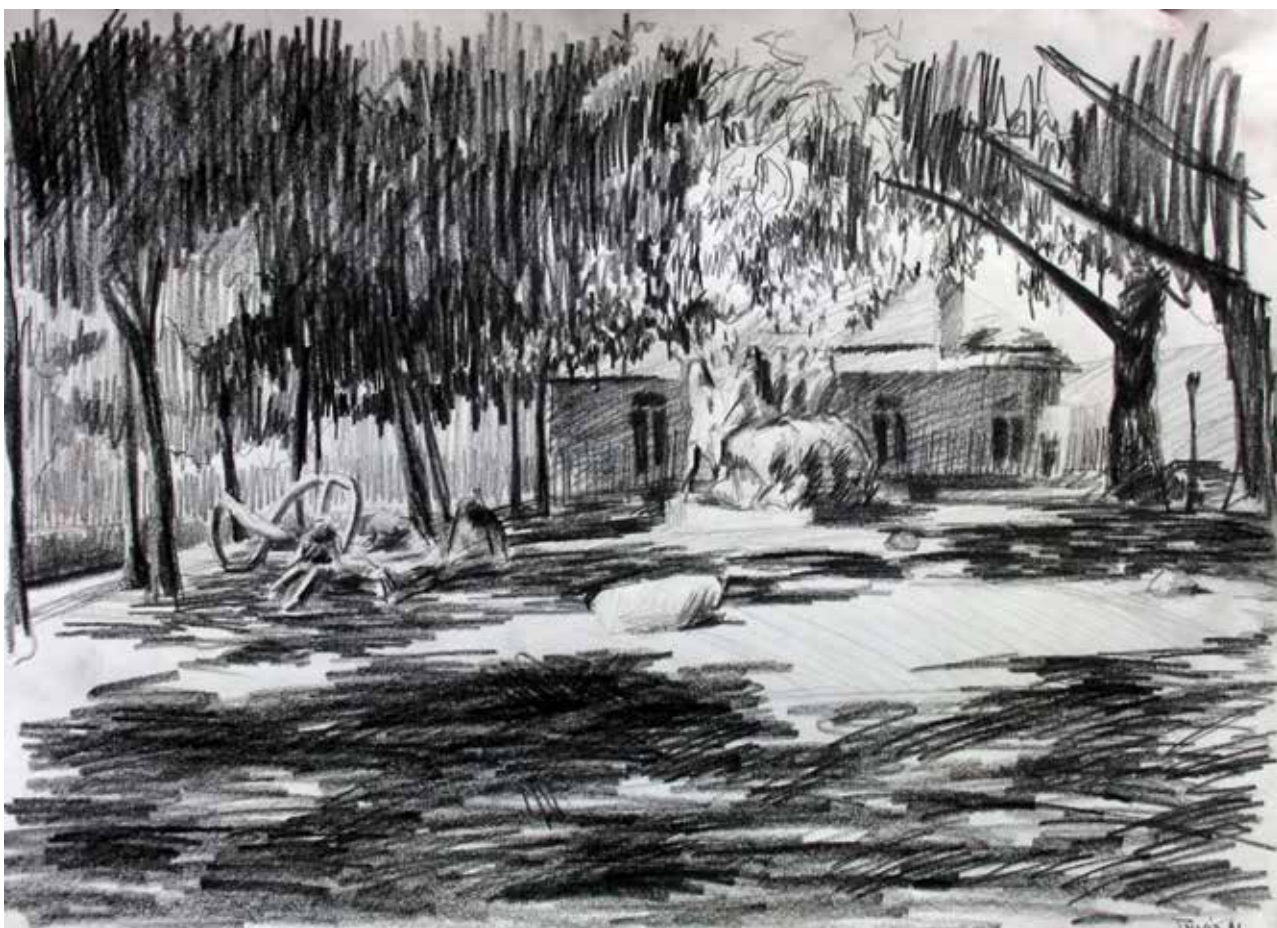
Rita Furtado, 2010. Caneta sobre papel A3
Percorso da Cordoaria à Alfândega - Esquisto



Rita Furtado, 2010. Caneta sobre papel A3
Percurso da Cordoaria à Alfândega - Esquisso



José Giro, 2013. Grafite sobre papel A3
Percurso do Passeio das Virtudes à Alfândega - Esboço



Tomás Neves, 2014. Grafite sobre papel A3
Percurso do Passeio das Virtudes à Alfândega - Esboço



Raquel Matos, 2014. Carvão sintético sobre papel A3.
Percurso do Passeio das Virtudes à Alfândega - Esboço



Ricardo Rodrigues, 2015. Carvão vegetal sobre papel A3.
Percurso do Passeio das Virtudes à Alfândega - Esboço